



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e
do Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

Coordenação: Profa. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

**A PSICOPEDAGOGIA E O PROCESSO DE
APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO: A CRIANÇA
COMO SUJEITO**

Apresentado por: Talyta Moreira de Souza Bezerra Marcello

Orientado por: Profa. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

BRASÍLIA, 2013

Apresentado por: Talyta Moreira de Souza Bezerra Marcello

Orientado por: Profa. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

RESUMO

Este trabalho consiste em relatório referente a um estágio de intervenção psicopedagógica com uma criança em situação de dificuldade de aprendizagem, de maneira que contribua para que ela se torne sujeito ativo em seu processo de aprender. Como referencial teórico principal utilizou-se a perspectiva sócio-histórica, fundamentada nos estudos de Vygotsky a respeito da Zona de Desenvolvimento Proximal. Durante o processo interventivo identificou-se avanços na aprendizagem da criança, que passou a se posicionar como uma pessoa pensante em desenvolvimento e aprendizagem.

Palavras chave: Psicopedagogia, desenvolvimento, aprendizagem, dificuldade de aprendizagem, sujeito ativo.

ÍNDICE

I/ Colocação do Problema	4
II/ Fundamentação Teórica.....	6
2.1/ Psicopedagogia e aprendizagem	6
2.2/ O diagnóstico e o tratamento psicopedagógico	7
2.3/ Aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva sócio-histórica	9
2.4/ Dificuldades de aprendizagem.....	11
III/ Método de Intervenção	14
3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição	14
3.2/ Procedimentos Adotados	15
IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção	16
4.1/ Avaliação Psicopedagógica	16
- Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (26/03/13).....	16
- Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (02/04/13).....	17
- Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (08/04/13).....	21
- Sessão de avaliação psicopedagógica 4 (10/04/13).....	24
- Sessão de avaliação psicopedagógica 5 (16/04/13).....	25
- Sessão de avaliação psicopedagógica 6 (23/04/13).....	27
4.2/ As Sessões de Intervenção.....	29
- Sessão de intervenção psicopedagógica 1 (17/04/13)	29
- Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (24/04/13)	32
- Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (08/05/13)	36
- Sessão de intervenção psicopedagógica 4 (15/05/13)	39
- Sessão de intervenção psicopedagógica 5 (22/05/13)	43
- Sessão de intervenção psicopedagógica 6 (06/06/13)	46
- Sessão de intervenção psicopedagógica 7 (10/06/13)	50
- Sessão de intervenção psicopedagógica 8 (13/06/13)	52
V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica.....	55
VI/ Consideração finais.	57
VII/ Referências Bibliográficas.....	58
ANEXOS	60

I/ Colocação do Problema

A psicopedagogia, área emergente na atualidade, tem como componente principal de sua abordagem teórico-prática as questões que envolvem a aprendizagem. Dentro dessa categoria ampla e complexa, as dificuldades de aprendizagem tem sido tema presente em muitas pesquisas. Diferentes questões são estudadas com o intuito de contribuir para a compreensão e a melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Sabe-se que, por ser um processo complexo, a aprendizagem bem como as dificuldades em torno dela relacionam-se em diferentes aspectos, não só a alunos e professores, mas a todo o contexto do qual eles fazem parte. Porém, em uma situação de dificuldade de aprendizagem, o maior prejudicado é o aluno, pois isso implica em consequências durante toda sua trajetória educacional e em seu desenvolvimento global.

Compreende-se que, no processo de aprendizagem, o aluno necessita de um ambiente favorável ao seu posicionamento ativo, tornando-se sujeito produtor de conhecimento. Tal prática possibilita seu maior interesse e implicação em sala de aula, conforme ressalta González Rey (2008).

Para o autor, a aprendizagem na escola tem sido centrada mais na reprodução de conhecimentos considerados verdadeiros do que na reflexão, ocasionando em desinteresse e desmotivação por parte do aluno. Ele aponta três principais problemas gerados por essa atuação na escola: o conhecimento torna-se unicamente objetivo, o erro não é visto como um momento da aprendizagem e o conhecimento é tido como único e acabado.

Observa-se que a psicopedagogia visa ao desenvolvimento de um trabalho direcionado às especificidades do aluno, considerando-o em sua subjetividade e motivando-o, por meio de atividades adequadas ao seu desenvolvimento, a tornar-se indivíduo ativo em sua aprendizagem.

Diante de demandas emergenciais frente às dificuldades de aprendizagem na escola, pretende-se, com este trabalho, promover reflexões e mudanças a respeito dessa questão ao desenvolver um projeto de intervenção psicopedagógico que contemple e valorize uma criança em situação de dificuldade de aprendizagem, considerando-a sujeito ativo em seu processo de aprendizagem.

Os objetivos específicos deste trabalho são:

- Conhecer as especificidades do processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança;
- Compreender a dinâmica e os aspectos envolvidos em suas dificuldades de aprendizagem; e
- Desenvolver atividades que valorizem as potencialidades do aluno e contribuam para a aquisição de novas habilidades.

II/ Fundamentação Teórica

2.1/ Psicopedagogia e aprendizagem

A psicopedagogia é uma área de extrema importância para o cenário educacional, pois sua atuação objetiva um trabalho conjunto com a escola e a família, no intuito de melhoria da qualidade dos processos de aprendizagem dos educandos. Nessa perspectiva, tudo o que faz parte da vida do aluno e pode influenciar/prejudicar o alcance do sucesso em sala torna-se alvo para a intervenção psicopedagógica.

De forma completa e clara, Scoz e Porcacchia (2009) referem-se à psicopedagogia:

(...) como uma área de estudos e um campo de atuação em Saúde e Educação que lida com a aprendizagem humana, tem se preocupado com a complexidade que envolve essa questão. Trata-se de percebê-la a partir de um olhar multidisciplinar e interdisciplinar, a partir de conhecimentos sobre as bases orgânicas, psicológicas, cognitivas e sociais do sujeito (Scoz & Porcacchia, 2009, p. 61).

Concorda-se com as autoras ao assinalarem a complexidade da aprendizagem humana, acreditando-se, portanto, que sua compreensão deve envolver os variados fatores que fazem parte das vivências dos sujeitos. Tal fato torna necessário o olhar multidisciplinar e interdisciplinar, salientando que a psicopedagogia precisa desenvolver seu trabalho em conjunto com diversos campos de estudo e com profissionais de diferentes áreas.

Porto (2011) também aponta essa característica ao ressaltar que a área psicopedagógica depende da teoria e da prática de outros campos de estudo além da psicologia e da pedagogia, destacando a interdisciplinaridade como um de seus atributos. Acredita-se que a troca com as diferentes áreas do conhecimento possibilita ao psicopedagogo tentar responder às demandas complexas de seu objeto de estudo, como já referido anteriormente.

Bossa (2011) semelhantemente assinala, além dos aspectos já citados, que a psicopedagogia desenvolve o trabalho clínico na relação entre sujeito e investigador e o trabalho preventivo, em uma prática que contemple a instituição em seus elementos que

intervêm na aprendizagem. Interessante é destacar que a ação psicopedagógica não se direciona apenas à medida terapêutica, mas para além dela: pode trabalhar atuando preventivamente e assim evitando, em certa medida, os possíveis problemas de aprendizagem.

Em relação ao objeto de estudo da área, Silva (2010) aponta o ser humano como produtor de conhecimento, aquele que está em processo constante de produção: o ser cognoscente. Ela destaca que esse posicionamento refere-se ao fato de que o trabalho psicopedagógico “(...) não se dá entre o psicopedagogo e o processo de construção do conhecimento e, sim, entre psicopedagogo e o ser em processo de construção do conhecimento (...)” (Silva, 2010, pp. 29-30).

Nesse sentido, a psicopedagogia pressupõe um olhar individualizado para o sujeito que aprende, levando em alta estima suas necessidades específicas, seus gostos e interesses. No mesmo caminho, Bossa (2011) destaca:

A metodologia do trabalho, ou seja, a abordagem e o tratamento, enfim, a forma de atuação, se vai tecendo em cada caso, na medida em que a problemática aparece. Cada situação é única e requer do profissional atitudes específicas em relação àquela situação. (Bossa, 2011, p. 133)

A autora também aborda o caráter investigativo da prática do psicopedagogo ao ressaltar a necessidade em buscar conhecer profundamente o aluno por meio de observações no ambiente escolar (principalmente em sala de aula), entrevistando a família, o professor e o próprio aluno e, por fim, realizando intervenções avaliativas. Cada um desses passos permite o levantamento de informações que possibilitarão ao profissional desenvolver um plano de ações efetivas especificamente para cada caso.

2.2/ O diagnóstico e o tratamento psicopedagógico

O último parágrafo do tópico anterior aponta resumidamente as etapas na construção do diagnóstico psicopedagógico: este é iniciado pela queixa e encaminhamento, que pode ser realizada pela instituição escolar ou pela família. Weiss (2012) apresenta a definição de diagnóstico psicopedagógico como uma investigação:

Todo diagnóstico psicopedagógico é, em si, uma investigação, uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e, na maioria das vezes, da escola (Weiss, 2012, p. 31).

A autora divide o diagnóstico em dois eixos de investigação: horizontal e vertical. O eixo horizontal refere-se ao presente, o que se passa com o aluno no “agora”, já o vertical trata do passado, de seu histórico de vida. Em ambos os eixos ela destaca a utilização de entrevistas com pais, professores, aluno e demais profissionais que possam esclarecer os aspectos relacionados à queixa, e também análises de documentos, relatórios, produções, laudos, dentre outros.

O diagnóstico é essencial para a definição de objetivos que por sua vez redundarão em ações no sentido de contribuir para o bom andamento do atendimento do psicopedagogo. Um aspecto importante apontado pela autora é a relação construída entre o profissional e o paciente, ao proporcionar um ambiente de acolhimento, confiança, respeito e liberdade. Tal postura favorece o procedimento diagnóstico, tornando-o ainda mais fidedigno.

Bossa (2011) observa que o diagnóstico é um processo e, portanto, está passível de mudanças e revisões. Por se tratar de um procedimento investigativo, a todo momento lida com novos elementos que aparecem em cada contato com o sujeito, seus familiares e demais aspectos de sua vivência.

De fundamental importância é o fato de que a postura investigativa não se esgota no momento do diagnóstico, mas perdura durante todo o acompanhamento psicopedagógico, até na intervenção ao acompanhar e observar a evolução do aluno, conforme ressalta a autora.

Em relação à queixa, primeiro passo na elaboração do diagnóstico, Weiss (2012) lembra que ela não deve ser ouvida apenas no contato inicial, mas sim durante as variadas sessões, sempre procurando refletir seu sentido. Ela salienta que:

Em síntese, é fundamental, durante a explicitação da *queixa*, iniciar a reflexão sobre as duas vertentes de problemas escolares: o *sujeito e sua família* e a *própria escola* em suas múltiplas facetas, para definir a *seqüência* diagnóstica mais adequada bem como as técnicas a serem utilizadas (Weiss, 2012, p. 51).

Observa-se a importância da queixa como propulsora para o desenvolvimento da ação psicopedagógica, servindo como norteadora inicial para a tomada de decisões do profissional, ainda que porventura o desenrolar das sessões identifique outras questões que não foram apontadas nesse primeiro momento.

Em relação ao tratamento, Bossa (2011) ressalta que seu objetivo é atender às solicitações apontadas pela queixa, extinguindo o problema ou sintoma, conforme coloca. No entanto, verifica-se que esse objetivo nem sempre é possível ou demanda um longo período de atendimento com o profissional para que seja atingido. Ademais, se não for possível eliminá-lo, o psicopedagogo pode ajudar o paciente a lidar de uma forma mais saudável com sua situação, desenvolvendo mecanismos adaptativos que o ajudem a alcançar o sucesso em sua aprendizagem. E ainda, formar parcerias com a escola e os professores, para que colaborem com o aluno nesse processo.

A autora também ressalta que o tratamento é específico para cada atendimento, ainda que, aparentemente, possuam a mesma queixa. Esse aspecto é facilmente compreendido já que cada indivíduo é um ser único, bem como o ambiente social e familiar do qual fazem parte.

Outra questão que ela coloca é o fato de apesar do trabalho psicopedagógico ser dividido em diagnóstico e tratamento, este inicia-se desde o primeiro contato. De igual forma, Weiss (2012) salienta que só o fato da família buscar ajuda profissional para a criança já é demonstração para ela de sua importância naquele meio, o que por sua vez torna-se terapêutico. E, além disso, a atenção exclusiva que ela recebe do psicopedagogo.

2.3/ Aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva sócio-histórica

A aprendizagem e o desenvolvimento na perspectiva sócio-histórica tem como principal fundamento os estudos teóricos desenvolvidos por Lev Semyonovitch Vygotsky. Ele e seus colaboradores foram os precursores da teoria que vem sendo amplamente difundida e explorada nos trabalhos científicos da contemporaneidade.

Nessa perspectiva há conceitos muito importantes para a compreensão dos processos de desenvolvimento e aprendizagem que serão abordados nesse tópico.

Vygotsky (1998) ressalta que, antes da criança iniciar seus estudos formais em uma instituição escolar, ela apresenta uma aprendizagem anterior, ou seja, o aprendizado na infância se dá antes do ingresso na escola.

É lógico deduzir que esse conhecimento se dá mais no campo prático e experimental do que no teórico e conceitual. Em suas vivências as crianças entram em contato com diversas situações que são trabalhadas conceitualmente no ambiente educacional. Em relação a esse ponto, ele destaca que “(...) aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o primeiro dia de vida da criança.” (Vygotsky, 1998, p. 110).

Ademais da sistematização conceitual do conhecimento, o autor coloca que a aprendizagem escolar contribui para a produção de algo novo no desenvolvimento infantil. Partindo dessa ideia, ele elabora o conceito de *Zona de Desenvolvimento Proximal*. Para ele, há dois níveis de desenvolvimento: o real – representando aquilo que a criança é capaz de fazer sozinha, resultado de “ciclos de desenvolvimento já completados” (Vygotsky, 1998, p. 111) – e o potencial – aquilo que ela é capaz de realizar com orientação.

A partir dessas duas definições, ele insere o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, destacando que ela se refere a funções que estão em processo de amadurecimento:

Ela é a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (Vygotsky, 1998, p. 112).

Nessa perspectiva, a aprendizagem escolar torna-se um diferencial no desenvolvimento da criança pois lhe permite vivenciar situações de interação e troca com o professor e colegas. Além disso, o professor assume uma dimensão de grande importância:

O professor como mediador planeja suas aulas, tendo em vista os processos já adquiridos e aqueles em desenvolvimento, provoca situações que promovam o aprendizado por meio de atividades diferenciadas, discussões e reflexões que conduzam o aluno na transformação de seu conhecimento (Pulino & Barbato, 2004, p. 59).

Para Vygotsky (1998) a aprendizagem não é desenvolvimento, mas desde que seja organizada apropriadamente, promove o desenvolvimento mental e de outros processos que não aconteceriam de outra maneira. Ele destaca que os processos de desenvolvimento “progridem de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado” (p. 118), corroborando a ideia de que não são coincidentes.

Tacca (2004) salienta que o trabalho voltado para a criação da zona de desenvolvimento proximal, que é chamada por ela de “zona proximal de desenvolvimento”, significa uma ação direcionada ao relacionamento que possibilite “(...) fazer a parceria para que um reconheça e confirme o outro, para que seja possível brotarem as necessidades e motivações do pensamento e serem desencadeadas ações pertinentes no processo ensino-aprendizagem” (Tacca, 2004, p. 113).

A autora ressalta em seu trabalho que aluno e professor possuem papéis ativos em sala de aula em processos dinâmicos interacionais. Ao mesmo tempo em que o docente proporciona espaços favoráveis ao desenvolvimento do aluno, este lhe devolve respostas que contribuem para sua reflexão e possíveis mudanças da prática docente.

Nessa perspectiva insere-se também o papel do psicopedagogo como o outro que participa no processo de aprendizagem do estudante em situação de dificuldade escolar. Sua ação deve voltar-se ao desenvolvendo desse aluno, tendo em conta uma prática direcionada à zona de desenvolvimento proximal, por meio da construção de um relacionamento que gere reflexões e autorias de pensamento.

2.4/ Dificuldades de aprendizagem

Conforme destacado anteriormente, o trabalho psicopedagógico em geral parte de uma dificuldade do aluno em seu processo de aprendizagem. Jardim (2001) separa as questões relacionadas a aprendizagens ineficientes em dois eixos: dificuldades e disfunções. As dificuldades estão associadas em sua maioria a fatores externos à criança, muitas vezes momentâneos, influenciando sua atividade escolar. Já as disfunções refletem quadros identificados clinicamente, como anomalias neurológicas e lesões cerebrais.

Jardim ressalta que, em se tratando das dificuldades, um acompanhamento pedagógico apropriado, enriquecido com procedimentos de ensino-aprendizagem, ajuda a criança a superar esse quadro. Considera-se que, em relação às disfunções, esses passos também são seguidos, porém articulados aos procedimentos indicados pelos profissionais de outras áreas que atuam no caso, como psicólogos, neurologistas, psiquiatras, dentre outros.

Sampaio (2011) também faz separação semelhante, identificando como transtorno de aprendizagem ou dificuldade de aprendizagem específica quando a situação implica em problemas neuropsicológicos. Dentre os principais, a autora elenca: dislalia, disfasia, dislexia, disgrafia, discalculia e transtorno não verbal do aprendizado.

A outra categoria é identificada como problemas de aprendizagem, referindo-se a questões de metodologias impróprias, formação docente deficitária, carência cultural e econômica, dentre outras questões.

Porto (2011) também apresenta em seu livro a distinção entre dificuldades e distúrbio de aprendizagem, definindo-os de forma semelhante aos expostos anteriormente. Ela destaca que:

A presença de uma dificuldade de aprendizagem não implica necessariamente um transtorno, que se traduz por um conjunto de sinais sintomatológicos que provocam uma série de perturbações no aprender da criança, interferindo no processo de aquisição e manutenção, de forma acentuada (Porto, 2011, p. 62).

Dentre os fatores externos ao aluno, Consenza e Guerra (2011) apontam as questões relacionadas ao ambiente que pode ser o escolar – expresso por dificuldades de relacionamentos com colegas ou professor, estratégias pedagógicas inadequadas, dentre outros – ou o familiar – como desinteresse dos pais pela aprendizagem da criança, falta de incentivo, situação socioeconômica deficiente ou problemas de brigas e separação.

É importante destacar que esses aspectos não podem ser generalizados, pois há situações em que indivíduos que vivenciam questões semelhantes não são afetados em seu desempenho na aprendizagem. Entretanto, são fatores que devem ser analisados uma vez que podem influenciar de forma negativa na atividade educacional do aluno, conforme os autores salientam:

O ambiente ao qual estamos expostos influencia o processo de aprendizagem, interferindo nos fatores psicológicos e emocionais e induzindo comportamentos que podem ser mais ou menos favoráveis ao aprendizado. O início da vida escolar ou a mudança de escola podem gerar timidez, insegurança ou ansiedade. Um ambiente familiar agressivo, inseguro, com história de alcoolismo, uso de drogas, pais separados ou em constantes litígios, pais desempregados ou com comportamento antissocial podem fazer com que seja muito difícil para a criança se dedicar ao processo de aprender (Consenza & Guerra, 2011, pp. 130-131).

Verifica-se que as dificuldades de aprendizagem englobam um campo diverso de fatores, muitas vezes complexos, que exigem do psicopedagogo um olhar criterioso para poder identificar o problema e ajudar o discente.

III/ Método de Intervenção

3.1/ Sujeito(s) e/ou Instituição

A intervenção foi realizada com uma criança do sexo feminino, de oito anos de idade, matriculada no 3º ano do Ensino Fundamental, em uma escola pública situada na Asa Norte de Brasília. Ela mora com a avó e mais três primos adolescentes, em uma quitinete próxima à escola. Iniciou sua escolarização no 1º ano na mesma escola onde estuda atualmente.

A diretora relatou que a criança não sabia ler e não conseguia acompanhar a série. A professora confirmou seu relato e acrescentou que, além de suas dificuldades com a leitura e a escrita, ela também não acompanha as aulas de matemática.

Em conversas informais com a professora, verificou-se que a aluna não frequenta as aulas assiduamente, e que no ano passado e retrasado teve um histórico de faltas prolongadas, devido a tratamentos de saúde.

Em relação à instituição escolar, observou-se uma estrutura física adequada, bem conservada e pintada por dentro e por fora. O pátio da escola é bem amplo, possibilitando aos alunos movimentarem-se livremente, contém vários bancos posicionados ao longo do espaço e murais para a visualização dos trabalhos realizados pelos alunos. Há também um parque onde as crianças têm momentos de brincadeiras.

As salas de aula são estruturadas com armários, murais, um quadro negro e um quadro branco acoplado a ele e diversas carteiras. A escola conta também com: uma sala de informática equipada com computadores novos, oferecendo aos alunos momentos de aprendizagem *online* por meio de jogos educativos; uma sala de vídeo com várias cadeiras e uma televisão grande, onde assistem diversos filmes selecionados pelo professor; e uma sala de leitura com estantes cheias de livros e mesas para estudo.

A escola também possui uma sala de recursos, que disponibiliza diversos jogos e materiais pedagógicos a fim de auxiliar o professor no ensino dos conteúdos.

3.2/ Procedimentos Adotados

Inicialmente realizou-se o contato com a diretora da escola. Foi-lhe entregue uma Carta de Apresentação (Anexo 1) que explicava resumidamente o trabalho para que ela pudesse autorizar a intervenção, bem como indicar um possível aluno para participar. Ela recebeu prontamente o trabalho, indicando uma criança que apresentava dificuldades em acompanhar a turma, estando atrasada em relação aos colegas.

Após sua autorização, a diretora entrou em contato com a professora da turma e possibilitou uma conversa inicial. Em conversa com a professora, marcou-se o melhor dia para que ela pudesse ser entrevistada e aproveitou-se para-lhe entregar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 2). Este foi lido e assinado em duas vias, uma ficando com a professora e outra com a pesquisadora.

Realizou-se a análise do Plano de Trabalho da escola, documento que serve como base para a produção e/ou atualização do Projeto Político Pedagógico, no mesmo dia em que o trabalho foi apresentado para a diretora. Ela autorizou a leitura cuidadosa do plano, disponibilizando cópias do documento.

Esse contato inicial deixou ótimas expectativas para a pesquisadora, que foi muito bem recebida tanto pela diretora quanto pela professora.

IV/ A intervenção psicopedagógica: da avaliação psicopedagógica à discussão de cada sessão de intervenção

4.1/ Avaliação Psicopedagógica

- Sessão de avaliação psicopedagógica 1 (26/03/13)

- Objetivo: Analisar o Projeto Político Pedagógico – PPP da escola.

- Procedimento e material utilizado

Solicitou-se à diretora o PPP da instituição para a leitura e análise. Ela disponibilizou o Plano de Trabalho da escola, que serve como base para a construção do PPP, pois este estava em fase de atualização e só ficará pronto na metade do ano.

- Resultados obtidos e discussão

Ao analisar o Plano de Trabalho da escola verificou-se o foco na participação da comunidade escolar, visando o atendimento de suas necessidades específicas. Sua proposta pedagógica é dividida nos seguintes itens: missão, meta, objetivos e estratégias.

Sua missão relaciona-se ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral que possibilite a transformação da sociedade. Sua meta refere-se ao desenvolvimento do pensamento crítico, à formação de sujeitos históricos e capazes de transformar a realidade.

Como objetivos, têm-se a organização do espaço de forma que promova a aprendizagem, o acompanhamento individual de cada aluno e o reforço escolar, quando for necessário. E, por fim, tendo como principal estratégia o Projeto Reforço, por meio do qual será desenvolvido o trabalho específico com os alunos com dificuldade de aprendizagem.

Para a gestão da escola, o plano prevê a promoção de um espaço que saiba lidar com as diferenças de forma a respeitá-las, valorizando as necessidades e potencialidades

de cada um e possibilitando a formação integral dos alunos. Outros aspectos importantes relacionam-se à participação ativa das famílias, ao priorizar a gestão democratizada e o trabalho em equipe.

Em relação às questões pedagógicas, o plano tem objetivos, metas e estratégias. Dentre os objetivos estão: o trabalho com a família para ajudar o estudante em seu rendimento escolar, o suporte pedagógico para o professor de turmas com maiores dificuldades, a realização de encaminhamentos para a equipe de atendimento especializado e o desenvolvimento de adaptações curriculares que estejam de acordo com as habilidades e competências de cada aluno.

As metas apontam as questões já abordadas e as estratégias referem-se a: realizar atendimentos aos alunos com necessidades educacionais especiais em horário contrário ao de sua aula, promover palestras e reuniões para os pais e possibilitar momentos de estudo e reflexão sobre a prática pedagógica.

De forma resumida, os principais aspectos do Plano de Trabalho da escola foram apontados aqui. Destaca-se que ao longo do plano observa-se, em vários momentos, a valorização do aluno como um sujeito que deve ser considerado em suas especificidades, além disso, possuidor de habilidades e competências que enriquecem o ambiente escolar. O plano ainda prevê ações específicas no enfrentamento das dificuldades de aprendizagem, com foco não só no aluno, mas em orientações direcionadas à família e ao professor.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 2 (02/04/13)

-Objetivo: Entrevistar a professora para conhecer suas principais concepções a respeito da prática pedagógica e da aluna.

- Procedimento e material utilizado: Roteiro de entrevista semi-estruturado (Anexo 3) e gravador de voz.

- Resultados obtidos e discussão

Desde o início a professora foi muito receptiva à intervenção, aceitou prontamente o trabalho e marcou um dia dentro de suas possibilidades para a realização da entrevista.

O roteiro de entrevista foi dividido em cinco eixos: histórico de vida, escola e processos de aprendizagem, concepção de aluno, papel do professor e relação entre o professor e o aluno. Ao final, a professora trouxe aspectos que considerava importante informar sobre a aluna que participaria da intervenção.

Durante a entrevista, a professora sugeriu a realização do trabalho com outra aluna que apresentava os mesmos problemas que a criança indicada inicialmente, pois esta estava alcançando consideráveis avanços em sua aprendizagem. Sua sugestão foi aceita visando atender uma necessidade mais urgente identificada pela docente.

No primeiro eixo, ela ressaltou que entrou muito cedo na Secretaria de Educação, atuando há 23 anos nesse segmento. Coursou o magistério e se formou em Educação Artística. Sua irmã também era professora e foi o exemplo que seguiu para escolher a profissão. Destacou também que na época havia poucas opções de concurso e só optava pela área de magistério quem realmente gostava dessa profissão, porque não era uma atuação fácil e as turmas eram muito grandes.

No segundo eixo, têm-se três pontos abordados com a professora: o papel da escola, a escola ideal e concepções sobre o processo de ensino e aprendizagem. Sua fala iniciou-se com a palavra *utopia*, destacando que hoje a escola e o professor possuem atribuições que vão além da troca de experiências e a promoção da aprendizagem.

Segundo a professora, os pais deixam a cargo da instituição escolar questões básicas como alimentação, higiene, cuidado com ferimentos, educação. O docente cumpre papéis diversificados como amigo, psicólogo, confidente, mãe, tia, dentre outros. E os alunos ingressam na escola despreparados e imaturos, sem estímulos que possam favorecer a aprendizagem.

Percebeu-se em sua fala que o papel da escola e do professor deveriam estar relacionados apenas com a aprendizagem de conteúdos. Porém, a demanda atual imposta à instituição escolar torna mais difícil e complexo esse processo, já que os variados fatores que lhe estão a cargo impedem que o foco esteja no aprender.

Em relação à escola ideal, além da troca de experiências entre aluno e professor, ela destacou a participação dos pais como algo fundamental, ao demonstrarem interesse

pela aprendizagem dos filhos. Ela se queixou de que os pais não procuram saber se a criança necessita de algum material e que muitos não possuem o básico como lápis e borracha.

No último ponto desse eixo, a professora falou a respeito de sua concepção de ensino e aprendizagem. Para ela, esse processo envolve a participação de todos e está além do aluno e do professor, pois deve contar com a diversificação de recursos e materiais, principalmente para os alunos que tem alguma dificuldade de aprendizagem. Ela citou exemplos de recursos que a escola possui – como a sala de vídeo, de leitura, de informática – tornando o ensino mais agradável e atrativo.

O próximo eixo aborda a concepção de aluno da docente: para ela a criança aprende por meio das experiências, do que é passado, da troca entre colegas e com a professora. Ela destacou que existem diversos tipos de alunos e o que tem visto como predominantemente são os carentes. Carentes em todos os sentidos: de material, de recursos, de atenção e, principalmente, de afetividade.

A docente ressaltou que a alfabetização depende 50% de aprendizagem e 50% de auto-estima. Sem a auto-estima o processo de ensino e aprendizagem não atinge o êxito. Para ela, os alunos precisam de palavras de estímulo, que destaquem que são capazes, mas isso não depende só do docente, os pais também precisam cumprir o seu papel no incentivo e cuidado pelos filhos.

Em se tratando do aluno ideal, a professora ressaltou que é uma noção utópica, já que para isso a criança deveria ter os pais e vizinhos ideais e tudo o que faz parte de seu convívio. Entretanto, ela salientou que o aluno ideal é aquele que participa da troca de experiências em sala de aula utilizando-se dos recursos disponibilizados, é capaz de receber as informações transformando-as em aprendizagem e passando-as para os colegas e demais pessoas de seu convívio. Ela finalizou sua fala salientando a dificuldade para que esse tipo de aluno exista na escola, pois depende de diversos fatores que não acontecem.

Prosseguindo a entrevista, tem-se o eixo relacionado ao papel do professor, em que ela destacou que os tipos de professores que predominam atualmente são aqueles que estão cansados, desanimados e sem estímulos, e não possuem vivacidade na profissão. Consequentemente não trazem novidades para o ensino e ainda são resistentes a elas.

Esse fator de desânimo, em sua opinião, refere-se principalmente à crescente desvalorização da profissão docente, além das pendências dos alunos já apontadas anteriormente. Essa desvalorização, segundo a professora, não se refere somente ao salário, mas sobretudo às condições de trabalho, que não são favoráveis à saúde física e emocional dos professores.

No processo de ensino e aprendizagem, o papel do docente para a entrevistada é o de mediador e não mais o de transmissor, pois a criança vem com uma grande quantidade de conhecimentos e experiências para a escola. Ela destacou que sua turma realiza atividades tradicionais e também atividades de vivências, porque se for somente as de vivência os alunos não conseguem compreendê-las como um momento de aprendizagem.

Além do já exposto anteriormente, ela justificou a utilização de atividades tradicionais porque as provas de vestibulares são tradicionais e é necessário preparar os alunos desde cedo para realizá-las.

A respeito do relacionamento entre aluno e professor, ela disse que a situação ideal é aquela permeada por amizade, confiança e parceria. É importante que o docente dê atenção à criança, escutando-a quando necessitar. A professora ressaltou que o problema está em ter que atender, em média, trinta crianças em suas carências de atenção e ainda atender às questões de aprendizagem.

Ao final da entrevista solicitou-se à professora informações que julgasse importantes serem relatadas a respeito da aluna indicada para participar das intervenções psicopedagógicas. Para ela faltam estímulos e afetividade da família no sentido de demonstrar interesse pela aprendizagem da aluna, pois ela mora com a avó e mais três primos. Devido às diversas atividades da avó, nos afazeres domésticos e como costureira, não sobra muito tempo para ajudar a neta em suas dificuldades em relação aos conteúdos escolares.

A professora relatou que a criança em seu início na escola, no 1º ano, foi encaminhada para avaliação pela Equipe Multidisciplinar da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Em sua avaliação não foram identificados déficits cognitivos, apenas falta de maturidade para aprendizagem dos conteúdos, por ser seu primeiro ano em uma instituição escolar.

Por meio da entrevista identificou-se na fala da professora a preocupação com os

aspectos emocionais dos alunos, entendendo-os como fatores que interferem na aprendizagem. Esse aspecto é relevante, pois se infere que sua prática seja voltada para a afetividade em sala, procurando promover um ambiente de apoio e respeito às necessidades de cada discente.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 3 (08/04/13)

-Objetivo: Observação livre em sala de aula focando o comportamento da aluna.

-Procedimento e material utilizado: Anotações dos aspectos relevantes observados.

-Resultados obtidos e discussão

A observação teve a duração de aproximadamente quatro horas, incluindo o horário do intervalo, e foi iniciada às treze horas e trinta minutos. O lugar da aluna em sala era em uma carteira posicionada ao lado da mesa da professora. O quadro branco que é utilizado fica acoplado ao quadro negro do lado esquerdo e ela sentava-se do lado direito.

Ao iniciar a aula, a professora conversou com a turma sobre a aula anterior e, em seguida, escreveu uma tarefa de português no quadro para que copiassem e respondessem. A sala era composta por 25 alunos e, no geral, eram bastante agitados, conversando e se movimentando em vários momentos. Apesar da agitação, a maioria copiava e realizava as atividades.

Durante esse período, a criança demonstrou grande desinteresse, demorando a pegar seus materiais (lápiz e caderno), observando a movimentação dos colegas e conversando com o colega ao lado em alguns momentos, apontando o lápis várias vezes, derrubando seus materiais e pedindo para ir ao banheiro. Observou-se esse comportamento em grande parte do horário da aula e, após aproximadamente trinta minutos do início da tarefa, a aluna havia copiado apenas duas palavras em seu caderno.

Em alguns momentos a professora chamou sua atenção, pedindo-lhe que copiasse

a atividade. Ela então reagia e copiava um pouco, mas depois interrompia e voltava a distrair-se. A impressão que se teve foi que ela não compreendia o que estava escrito e não valorizava esse momento como importante para sua aprendizagem.

Após uma hora do início da observação, ela havia copiado apenas duas linhas em seu caderno, enquanto seus colegas praticamente já tinham terminado de copiar e responder a tarefa. Observou-se que a aluna tem dificuldade em compreender a letra cursiva, chamando a professora algumas vezes para perguntar qual era a palavra. Percebeu-se que nem sempre, diante de sua incompreensão, a criança perguntava o que estava escrito e era nesse instante que ela parava e se distraía.

Diante da necessidade de apagar o quadro para dar continuidade ao exercício, a professora copiou parte da questão para a aluna em seu caderno e pediu para que ela continuasse. A criança prosseguiu com os comportamentos descritos anteriormente. Até a hora do intervalo levantou várias vezes de sua carteira para ir ao quadro ver alguma palavra ou fazer alguma pergunta para a professora. Ela também perguntou se precisava pular linha e se tinha que copiar em outra folha.

Seu caderno era composto por tarefas incompletas, as folhas eram preenchidas apenas em suas primeiras linhas. Não havia tarefas copiadas integralmente, nem que foram realizadas.

Após quase duas horas de aula, a criança não havia terminado de copiar a primeira tarefa passada no quadro e a professora já tinha copiado a tarefa de outro conteúdo: matemática. Todos os alunos estavam com o caderno de matemática e ela ainda na atividade de português.

Na hora do lanche, os alunos comiam em sala, e trinta minutos depois bateu o sinal para o intervalo. Observou-se que a criança comia seu lanche devagar e distraía-se em vários momentos. Alguns alunos copiavam e lanchavam ao mesmo tempo para adiantarem a tarefa, porque depois do intervalo haveria aula de informática.

No intervalo a aluna brincou todo o período com a mesma colega: as duas interagiam com outras crianças, mas estavam sempre juntas. Brincaram de pique-pegas, correndo todo o tempo do intervalo.

Ao retornarem, os alunos que terminaram a tarefa se dirigiram à sala de informática. Os demais permaneceram em sala para terminar. Nesse momento, a aluna

começou a copiar a tarefa (era para escrever de 350 a 390 por extenso). Ela escreveu os primeiros números corretamente, mas apagou-os por não estar satisfeita com a letra.

Passados vinte minutos, a professora olhou o caderno da criança e verificou que estava incompleto. Pediu para que ela o guardasse e pegasse sua apostila. Essa apostila foi montada pela professora com atividades de alfabetização, todas são com letra em caixa alta. Ela abriu em uma página e pediu que a criança fizesse o caça-palavras.

Notou-se que a aluna não leu o comando da tarefa e perguntou à professora o que deveria ser feito, exibindo um comportamento de dependência e falta de confiança em sua capacidade. Ela lhe explicou e pediu que lesse as palavras que deveria procurar no caça-palavras. Nesse instante, a professora conversou com a observadora, explicando-lhe que mudou de atividade porque a anterior não fazia sentido para a criança. Justificou que pedia para que ela copiasse apenas para ter o conteúdo em seu caderno, mas sabia que não iria terminar.

Na fala da professora foi possível perceber sua falta de confiança na capacidade da criança, além disso ela poderia ter a incentivando a ler o comando da questão, mas preferiu explicar-lhe estimulando sua postura dependente.

A criança animou-se mais com a nova atividade encontrando as palavras com um pouco de dificuldade, mas conseguiu terminar e se dirigiu para a sala de informática. Nessa sala há vários computadores e diversos jogos para os alunos escolherem. A aluna brincou de montar quebra-cabeças e conseguiu completar vários, porém mudava rapidamente quando não conseguia algum. Notou-se que, diante do desafio, ela logo desistia, não persistindo até conseguir.

Esse foi o final da observação. Foi possível perceber claramente a dificuldade para a criança acompanhar a turma, não conseguindo ler letra cursiva e não se mantendo interessada, pois não compreendia o conteúdo. A professora tinha um bom relacionamento com ela, falando-lhe com carinho e paciência, mas, apesar de ter montado uma apostila para ajudá-la, associava as dificuldades da aluna à falta de auxílio e acompanhamento de sua aprendizagem pela família.

Notou-se que deixar a criança realizando uma atividade que não compreendia era um fator que gerava frustração e ansiedade, além de reforçar o sentimento de incapacidade. Nesse caso, seria uma alternativa melhor adaptar as atividades relacionadas

ao conteúdo tratado em sala.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 4 (10/04/13)

- Objetivo: Observação livre em sala com foco no comportamento da aluna.
- Procedimento e material utilizado: Anotações dos aspectos relevantes.
- Resultados obtidos e discussão

A observação teve o mesmo início e duração da anterior. A professora iniciou a aula escrevendo no quadro dois problemas de adição para os alunos copiarem e resolverem. A aluna comportou-se da mesma forma, olhando para os lados, deixando os materiais caírem no chão e demorando a iniciar sua tarefa.

A professora explicou cada problema interagindo com a turma, realizando perguntas, ouvindo suas respostas e escrevendo os resultados no quadro. Mesmo diante da explicação da professora, a aluna não prestou atenção, não interagiu participando desse momento e demonstrou não entender o assunto.

Aproximadamente trinta minutos depois ela começou a copiar o primeiro problema. Nesse momento, a professora o apagou para poder escrever mais questões. Diante da queixa da aluna de não havia terminado, a professora pegou seu caderno e copiou para ela. Um colega reclamou dizendo que a professora estava trapaceando ao ajudá-la e recebeu a explicação de que ela copiava mais devagar.

Notou-se que a criança tem um bom relacionamento com os colegas, interagindo com todos. No entanto, eles percebem que ela não acompanha a turma. Durante a observação, uma aluna olhou o caderno dela e comentou com a professora que ela ainda estava no começo da questão.

Enquanto copiava, a aluna preocupava-se se sua letra estava bonita e apagava tudo o que já havia copiado. Acredita-se que essa preocupação era apenas uma desculpa, pois como não compreendia o que estava escrito no quadro, a aluna buscava subterfúgios para não precisar concentrar-se na tarefa e lidar com seu sentimento de incapacidade.

Ao longo desse período, a aluna distraiu-se variadas vezes e parou de copiar. Ao seu lado ficava a carteira de um colega bastante agitado, que segundo a professora, possui o diagnóstico de altas habilidades. Ele conversou com ela em alguns momentos atrapalhando sua pouca concentração.

Após uma hora de aula a criança ainda copiava a segunda questão, enquanto a professora já havia corrigido a terceira e escrito a quarta no quadro. Ao iniciar o horário do lanche, ela ainda não tinha completado a segunda questão.

No intervalo, ela brincou com a mesma colega com a qual estava sempre, mas interagiram com outras crianças também. Brincaram sempre correndo pelo pátio da escola. Depois desse período, a turma se dirigiu à sala de vídeo para assistirem o filme *A origem dos guardiões*.

Durante o filme, a aluna se concentrou em alguns momentos, mas, em outros, olhava para os lados, para a janela, bastante distraída. É importante frisar que esse filme é bastante colorido e há grande movimentação dos personagens, o que naturalmente chamaria bastante atenção das crianças. A turma permaneceu na sala de vídeo até o final da aula.

A impressão que se tem é que o aprendizado não é interessante para a aluna, tanto ela quanto a professora já se acostumaram a não esperar muito de sua aprendizagem. Parece que virou uma rotina para a criança e para a professora sua presença em sala sem interação e participação ativa com o ensino.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 5 (16/04/13)

-Objetivo: Observação da aluna no Projeto Interventivo.

-Procedimento e material utilizado: Anotações dos aspectos relevantes.

- Resultados obtidos e discussão

Toda terça-feira a aluna participava desse projeto no horário da aula, o qual tem duração de aproximadamente uma hora e meia. Ela e um aluno de outra série realizavam

atividades com a professora da sala de recursos.

Nesse dia a professora trouxe uma atividade de alfabetização em que ela iniciou com a leitura da história *A Bota do Bode* digitada em uma folha em letra em caixa alta. Encerrada a leitura, fez várias perguntas sobre o texto:

- De quem era a história?
- Quais animais aparecem na história?
- A sequência: primeiro o bode deu a bota para qual animal? E depois?
- O bode calçou a bota em uma pata. Quantas patas ele tem?
- Se o bode calçou a bota em uma pata, quantas patas ficaram sem?

As perguntas foram respondidas sempre com a ajuda da professora, que relembrou os alunos trechos do texto. Foi possível perceber que eles não prestaram muita atenção, pois elencaram como animal participante da história o pato, quando na verdade refere-se à pata do bode.

Após esse momento, a professora solicitou a leitura em voz alta de cada aluno. Primeiro um aluno leu, depois, a aluna participante deste trabalho. Ela realizou a leitura com dificuldade, pausadamente e algumas vezes juntando sílabas. Não conhecia o som de GA, UMA, DU, DO e confundiu o som de G e J.

A professora a ajudou na leitura, falando as palavras que ela teve dificuldade. Como as palavras no texto eram repetidas algumas vezes, ela decorava e não lia, apenas falava a palavra. Em alguns momentos errava, pois não era a mesma. A impressão que se teve é que ela sabia ler, pausadamente e juntando as sílabas, mas acostumou-se a não acreditar em sua capacidade. Como o outro sempre lhe corrigia apontando seus erros e dificuldades ela preferia repetir a palavra de forma decorada a ter que lidar com o sentimento de frustração.

A próxima atividade era para circular os animais que apareceram na história e escrever seus nomes ao lado do texto. A aluna circulou frases e, somente depois, alguns animais. Com a ajuda da professora ela começou a escrever a sequência dos animais. Nesse momento colocou C no lugar do G, mas logo percebeu e corrigiu. Quando continuou a tarefa sozinha, ela o fez corretamente.

Finalizado esse momento, a professora solicitou que os alunos colassem a sequência da história narrada em quadrinhos. Ela lhes entregou as imagens para

colocarem na ordem antes de colar. Para que montassem corretamente, a professora pediu à criança que lesse novamente o texto. Em sua leitura, tentou falar algumas palavras decoradas, mas errou. Ressalta-se que é o mesmo texto que a criança já havia lido no início.

A última atividade foi para a criança escrever quatro palavras que começassem com a letra B. A professora pediu que ela lesse o comando da tarefa que estava escrito em letra de máquina minúscula. Com dificuldade, ela realizou a leitura e foi ajudada pela docente.

No momento de escrever as palavras, ela também foi auxiliada pela professora. Para escrever bode ela colocou BODO, bom dia colocou BODIA, batata colocou BATATO. A docente procurou enfatizar o som das palavras, mostrando imagens do movimento da boca e da língua para cada letra. Ao final, ela escreveu seu nome completo na folha, porém cometeu erros ao não colocar algumas letras.

Observou-se que a criança estava em processo de alfabetização/letramento: com auxílio ela era capaz de desenvolver as atividades. É preciso, no entanto, ajudá-la a acreditar em si mesma contribuindo para que ela lide com o erro de forma positiva, encarando-o como um momento da aprendizagem.

- Sessão de avaliação psicopedagógica 6 (23/04/13)

-Objetivo: Observação da aluna no Reagrupamento.

-Procedimento e material utilizado: Anotações dos aspectos relevantes.

- Resultados obtidos e discussão

O reagrupamento é um projeto da escola em que os alunos de todas as turmas se deslocam para a série em que deveriam estar de acordo com suas dificuldades ou potencialidades. Eles se posicionam em filas no pátio, cada um com uma ficha de determinada cor referente à série que devem se deslocar.

A aluna participante do trabalho foi para o 1º ano. Em sala, a professora dessa

turma dividiu os alunos: de um lado estava um grupo, do outro estava mais um grupo com uma professora auxiliar e no meio estava a aluna e outra criança. Ela entregou um jogo de formação de palavras para o primeiro grupo. Para o segundo e para a mesa da aluna ela passou a atividade de recortar qualquer palavra, imagem, letra e número para colar em um cartaz dividido por essas categorias.

A aluna fez rapidamente a atividade, sem enrolar ou distrair-se. No momento de recortar uma palavra, ela recortou a frase “Trabalhos da turma”. Em aproximadamente 25 minutos ela já havia terminado a tarefa. A professora não os acompanhou durante a execução dessa atividade e não percebeu que a criança colou uma frase no lugar de uma palavra.

Depois, a professora colocou na mesa da aluna e na mesa do grupo acompanhado pela auxiliar um alfabeto ilustrado de madeira, composto pela letra, a imagem e o nome encaixáveis. Ela solicitou que montassem, colocando na ordem em que as letras são posicionadas no alfabeto.

Nesse instante, aconteceu uma grande confusão, pois a aluna e seu colega foram encaixando as peças conforme identificavam. As peças permaneceram espalhadas sobre a mesa e eles encaixavam algumas de forma errada. Ao observar os alunos que estavam com a mesma atividade, mas com a professora auxiliar, verificou-se que ela os ajudou a organizar as peças, colocando primeiro as letras em ordem e depois encaixando o nome e a imagem correspondente.

A desorganização e falta de auxílio na mesa da aluna observada gerou dificuldade na montagem e, conseqüentemente, os erros. Somente após dez minutos de tentativas dos alunos que a professora os orientou para que colocassem as letras na ordem. A aluna olhou o alfabeto que estava colado na sala acima do quadro negro para colocar em ordem as peças.

O restante dos alunos, após terminarem suas atividades, foram ajudar a aluna e seu colega na organização e montagem do jogo. A tarefa foi terminada rapidamente com a ajuda de todos, porém verificou-se que houve pouco aproveitamento por parte da aluna. Ela perdeu tempo inicialmente por falta de orientação e quando recebeu, não conseguiu executar, pois os outros colegas que conheciam letras e palavras resolveram tudo.

Destaca-se que essa aula foi pouco relevante para a criança, pois não houve

acompanhamento e orientação. Além disso, a impressão que se teve foi que a professora apenas solicitou atividades que preenchessem o tempo dos alunos e não que efetivamente os ajudasse em suas dificuldades. Ela os separou de acordo com seus níveis de aprendizagem, porém poderia ter aproveitado aqueles que estão em níveis mais avançados para ajudar os que estão com mais dificuldade, promovendo um espaço de trocas e interação.

Essa foi a última sessão de avaliação executada na escola. Por meio das avaliações percebeu-se principalmente que a criança possui dificuldade em reconhecer os sons das letras, confundindo aqueles que são parecidos; está em fase inicial de leitura e não compreende muito bem a letra cursiva.

4.2/ As Sessões de Intervenção.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 1 (17/04/13)

-Objetivo: Contato inicial, favorecendo a aproximação e a confiança. Observação da atenção da criança, bem como a identificação de detalhes, por meio do jogo da memória.

- Procedimento e material utilizado



Figura 1 – Desenho da família da aluna



Figura 2 – Jogo da memória

Solicitou-se à criança o desenho de sua família (Figura 1) oferecendo-lhe uma folha A4 amarela, caneta hidrocor, lápis de cor, borracha e apontador. Terminado o desenho, perguntou-se a ela se já havia brincado de jogo da memória, e, após receber sua resposta afirmativa e o desejo de brincar, iniciou-se o jogo da memória do desenho “Padrinhos Mágicos” (Figura 2).

Ao iniciar o jogo, colocou-se todas as imagens viradas para cima para que a criança pudesse visualizá-las em seus lugares e, depois, foram viradas para baixo. Ela e a pesquisadora foram as jogadoras, cada uma teve sua vez de jogar. Essa sessão teve a duração de 40 minutos.

Ressalta-se que em todas as sessões enquanto o material era organizado, aproveitava-se esse momento para conversar informalmente com a criança, perguntando-lhe sobre seu dia a dia. Ela também demonstrava sentir-se bem à vontade, compartilhando suas ideias e vivências.

- Resultados obtidos e discussão

A primeira ação da criança para iniciar o desenho de sua família foi pegar um lápis de cor preto. Durante todo o momento do desenho, ela comentou quem estava desenhando, o que essa pessoa gostava de vestir, como era o cabelo, como era a altura, dentre outros. Algumas vezes, criticava seu desenho de forma tranquila, sem uma conotação negativa, falando que a cabeça estava grande, o cabelo torto, que só sabia fazer calça torta.

Começou desenhando a mãe, dizendo que ela é bonita, depois o pai, reconhecendo que ele ficou pequeno no desenho, mas deixando assim. O próximo desenho foi da irmã, e, por não ter ficado do jeito que queria, fez o irmão em seu lugar. Tentou novamente fazer a irmã, mas mudou de ideia e se desenhou.

Ao desenhar os irmãos, disse que o menino tem dezoito anos e a menina tem dezesseis, esta mora com o marido e tem uma filha bebê. Depois desenhou a sobrinha, o cunhado, a avó, dois primos e uma prima. Ao final, desenhou a casa onde moram. Enquanto desenhava cada familiar, dizia vários aspectos deles, conforme ressaltado anteriormente. Além disso, ela voltava para os que já havia desenhado, nomeando um a

um, como se estivesse verificando os que havia feito e quais faltavam.

É interessante observar que em seu desenho, a mãe, o pai, o irmão, ela, a irmã, a sobrinha e o cunhado estão de mãos dadas. Enquanto a avó, e os primos não estão de mãos dadas e a criança mora com eles. Esse aspecto pode ser a representação de seu desejo em conviver com aqueles que, na sua percepção, são sua família de fato. Mas, se ela mora com a avó e os primos, indaga-se porque não os incluir também.

O desenho foi finalizado com o sol e as nuvens. Solicitou-se à criança nomeá-lo colocando-lhe um título, ela respondeu: “Essa é minha família, minha casa e a minha cidade”. Para simplificar, resumiu-se para: “Minha família” pedindo-lhe que escrevesse na folha. Ao perguntar como deveria escrever, a criança obteve como resposta que fizesse do jeito que sabia. Ela escreveu: “ANI NA FANLA”.

Em seguida, solicitou-se que escrevesse identificando quem era quem em seu desenho. Ela escreveu em letra em caixa alta: NAN (para mãe), PAI, EMO (para irmão), ASO (essa sou eu), EMA (para irmã), CNAO (para cunhado), VOVO, PONO (para primo), POA (para prima) e CASA. Observou-se que as palavras que possuem o som de cada sílaba correspondente à sua escrita a criança não tem dificuldade para escrevê-las corretamente. Ao final, ela escreveu seu nome corretamente falando letra por letra.

Quando a criança terminou de identificar os personagens de seu desenho solicitou-se que ela lesse o que havia escrito; observou-se que nesse momento ela disse quem era quem de forma decorada e não porque leu sua escrita. Depois, ela pediu que a pesquisadora lesse também. Depreendeu-se desse fato a demonstração de sua insegurança em relação ao que escreveu, pois duvidava se estava escrito corretamente de forma a fosse legível.

Diante da insegurança da aluna, percebeu-se o histórico negativo de sua vivência com o erro. Dessa forma, a pesquisadora não quis apontar as falhas de sua escrita, dizendo os personagens como se tivesse lido o que ela escreveu.

Em seguida, iniciou-se o jogo da memória. Após indagar se a criança conhecia a brincadeira, ela respondeu afirmativamente, ressaltando que adorava esse jogo. A pesquisadora perguntou se conhecia o desenho que ilustrava o jogo da memória. Ela respondeu afirmativamente e disse seu nome: *Padrinhos Mágicos*.

Inicialmente, as cartas foram colocadas com a imagem para cima e solicitou-se à

criança que observasse atentamente suas posições. Depois de sua autorização, as cartas foram viradas para baixo, escondendo o desenho. Ela iniciou a jogada acertando o primeiro par. Ao ser elogiada pela pesquisadora, ela justificou o acerto por estar atenta.

O jogo teve um andamento normal, a criança errou e acertou os pares como qualquer comportamento típico de sua idade. Ao final, ela ganhou o jogo. Solicitou-se que contasse suas peças. Inicialmente contou sete, a pesquisadora pediu que contasse novamente para que o resultado fosse conferido. Após a recontagem obteve o valor oito. Ela contou também as peças da pesquisadora, obtendo como resultado quatro.

Essa foi a primeira intervenção avaliativa com a aluna. Ela demonstrou ter dificuldade na escrita, porém sua atenção e percepção aos detalhes do desenho do jogo da memória foram identificadas como normais. Além disso, ela foi receptiva, alegre e espontânea durante o atendimento.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 2 (24/04/13)

-Objetivo: Avaliar a leitura da criança.

- Procedimento e material utilizado



Figura 3 – Montagem de palavras

Utilizou-se um alfabeto de madeira composto por letras repetidas que pudessem formar palavras. De um lado eram letras em caixa alta e do outro, cursivas; e imagens recortadas de revistas. Ao mostrar as imagens para a criança, solicitou-se sua identificação e formação de seus nomes com o alfabeto de madeira. Para finalizar, ela

escreveu as palavras formadas em uma folha de papel A4.

- Resultados obtidos e discussão

Inicialmente explicou-se a atividade à criança, mostrando-lhe os materiais e como deveria proceder. Em seguida, para verificar se ela conhecia as letras do alfabeto, solicitou-lhe que pegasse algumas (A, B, C e D). Sem nenhuma dificuldade ela identificou as letras do conjunto, mostrando à pesquisadora.

As imagens mostradas à criança foram nessa ordem: boca, dedo, menina, sofá, bolsa, telefone, comida, tomate, cachorro e chave. As palavras montadas corretamente por ela sozinha foram boca, dedo, sofá e tomate; as demais necessitaram de ajuda.

A palavra menina foi montada inicialmente como NEIA, solicitou-se à criança que lesse em voz alta para verificar se estava correto. Ela percebeu que havia algo errado e acrescentou a letra M ficando a palavra como NEMIA. Após realizar a leitura novamente e apesar de pronunciar menina, foi possível apreender sua insegurança em relação à grafia.

Para ajudá-la a perceber a diferença entre o som de N e M e tentar montar a palavra de forma certa, solicitou-se que identificasse cada letra e seu som. Ela falou o som do N e que era de navio, depois o som de M, assim, identificou que o som era diferente e a palavra começava com a letra M. Ao pronunciar a palavra silabadamente e enfatizando o som de cada sílaba (ME-NI-NA), a criança montou corretamente.

Depois a palavra bolsa, é montada por ela como BOUSA. Para que percebesse a diferença entre o som de L e U realizou-se o mesmo procedimento anterior, enfatizando principalmente o som de L. O mesmo se fez para a palavra telefone, montada por ela como TELEFOM e depois TELEFOME, pedindo-lhe que lesse a palavra e identificasse a letra e o som.

Durante esse momento procurou-se parabenizar seus acertos, destacando sua capacidade em escrever corretamente as palavras. Foi possível perceber a insegurança da criança demonstrando duvidar se havia montado certo o nome das figuras.

Diante dos erros, evitou-se o uso de falas como “está errado” ou “não é assim”, buscando promover a identificação por ela mesma através da leitura. Todas as vezes que

faltava alguma letra ou estava trocada solicitava-se à criança que lesse a palavra, ação esta que imediatamente possibilitava sua percepção do que precisava corrigir. Mesmo que ela não soubesse o que corrigir, percebia que faltava algo.

Para verificar sua compreensão da letra cursiva virou-se as peças do alfabeto de madeira para o lado que as continha, mostrando-se novas imagens para que a criança montasse seus nomes. Esse momento foi explicado a ela, avisando-a de que a atividade iria mudar um pouco.

Ressalta-se que durante as observações em sala a criança demonstrou ter dificuldade para entender o que a professora havia escrito no quadro, fato que foi associado à sua carência na compreensão da letra cursiva, pois a escrita da docente era bastante legível. Foram descartados problemas relacionados à visão, já que a aluna estava sentada na primeira carteira em frente ao quadro, a letra estava em tamanho legível e, segundo relato da diretora e da professora, ela já havia realizado exames oftalmológicos.

Observou-se que durante todo o momento no qual ela formava as palavras, repetia em voz alta as sílabas, como por exemplo: a palavra BOCA, ela repetia BO-CA. Para verificar sua compreensão, antes de iniciar a atividade com a mudança mostrou-se letras aleatórias para que a criança as identificasse assim como no primeiro momento. Ela as reconheceu sem dificuldade. Foram elas: a, f, m, n, v.

Para que a criança não se sentisse insegura diante da mudança, destacou-se que, caso tivesse dúvidas em relação à letra, era só virar a peça para o lado em caixa alta facilitando, assim, seu reconhecimento.

A primeira imagem mostrada refere-se à palavra comida, a qual ela montou inicialmente como CONNIA. Pediu-se que lesse a palavra, ela leu como “comia” e percebeu que falta a letra D. Muda a palavra ficando como CONIDA, pediu-se que lesse novamente e ela virou os blocos para o lado da letra em caixa alta. Nesse momento, modificou a palavra acrescentando a letra M no lugar da N e foi elogiada por ter identificado sozinha a correção necessária.

Outra vez verificou-se a troca das letras N e M já demonstrada em momentos anteriores. Nesse caso, no entanto, acredita-se que a letra cursiva pode ter contribuído para confundi-la, devido às grafias parecidas.

A próxima imagem refere-se a tomates: a criança montou corretamente a palavra.

Depois, a imagem de um cachorro. Ela teve dificuldades para montar ficando: CAJRO, CAJORO, CAUORO. Observou-se que enquanto ela lia a palavra, demonstrava que percebia que faltava alguma coisa, mas não sabia o que era.

Para ajudá-la solicitou-se que identificasse a letra J e falasse palavras que começassem com essa letra, ela disse: jacaré e geografia. A pesquisadora perguntou se geografia começava com J, ela se corrigiu dizendo que era com G e citando jogar como novo exemplo.

Após identificação pela criança do som de J, realizou-se a comparação com o som de cachorro mostrando a ela a diferença e ressaltando-se a semelhança com o som da palavra chuva. Procurou-se enfatizar bastante o som para que ela pudesse percebê-lo e depois, mostrando-lhe a grafia da palavra.

Citou-se outras palavras com o mesmo som como chuveiro, chaveiro e chave, para que pudesse clarificar ainda mais a percepção do som pela aluna. Enfatizou-se também o som de RR no final de cachorro, mostrando a diferença da pronúncia de um R sozinho e de dois.

Para verificar a compreensão da aluna, solicitou-se que montasse a palavra chave e depois realizasse a leitura. Ela montou como CAVE e em sua primeira leitura leu chave, mas na segunda vez, leu cave. Montou-se a palavra para que ela pudesse visualizar a correta grafia.

Para finalizar esse momento, entregou-se uma folha A4 para que ela escrevesse todas as palavras que foram montadas. A pesquisadora falou cada palavra e a criança escreveu da seguinte forma: BOSA, CAHORRO, BOCA, MEINAN, NEINNA, NEINAN, COMIDA, DEDO, COFA e TELEFOME. Algumas palavras, ela escreveu com letra cursiva possibilitando observar sua dificuldade em escrever a letra O.

Essa sessão possibilitou identificar que a criança conhece as letras do alfabeto, em caixa alta e cursiva. Ela tem facilidade para montar palavras que o som das sílabas é semelhante à grafia o que é natural para uma criança que iniciou sua vida escolar no 1º ano do Ensino Fundamental e ainda está desenvolvendo seu processo de leitura e escrita. Ela também tem um repertório de palavras, já que soube falar à pesquisadora palavras que eram iniciadas por determinadas letras.

Considera-se natural a troca do N pelo M ou vice-versa. Conforme ressaltado no

parágrafo anterior a criança está em processo de desenvolvimento.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 3 (08/05/13)

-Objetivo: Avaliar o conhecimento matemático da criança.

- Procedimento e material utilizado

Forneceu-se à aluna o brinquedo de encaixe da marca Lego para que, utilizando-se desse material, ela confeccionasse um objeto de sua escolha. Terminado o objeto, solicitou-se que ela contasse a quantidade de peças que foram utilizadas para sua confecção. A partir desse momento foram realizados problemas matemáticos para que ela pudesse resolvê-los visualizando e manipulando esse material concreto.

- Resultados obtidos e discussão

A intervenção foi iniciada apresentando o material à criança e perguntando-lhe se o conhecia e se já havia brincado com ele. Diante de sua resposta negativa, a pesquisadora lhe disse como se chamava o brinquedo e mostrou como encaixar as peças, ressaltando a possibilidade de criar variados objetos bastando usar a imaginação.

Em seguida, solicitou-se que a aluna montasse o objeto que desejasse. Ela ressaltou que montaria algo bem bonito e inicialmente falou que seria um gato, logo mudou de ideia e montou uma escada. Enquanto montava, falava a todo o momento explicando o que estava fazendo ou conversando outros assuntos com a pesquisadora.

Observou-se que ela mudava constantemente de objeto, diante do desafio e dificuldade. Inicialmente disse que iria fazer um gato, mas por não conseguir mudou para uma escada, depois um prédio, uma casa, um robô, uma cadeira, uma cama, uma mesa, dentre outros. Os objetos mais fáceis ela fez, como a cama e a mesa, mas o robô e o gato ela dizia que estava fazendo, porém mudava para outros objetos.

O momento de construção durou quase vinte minutos. Ofereceu-se a criança um espaço de liberdade, em que pudesse manipular os materiais livremente sem

interferências da pesquisadora, somente quando fosse solicitado por ela. Em alguns momentos ela perguntou que cor a pesquisadora gostaria que fosse seu objeto, e obteve como resposta que deveria ser da cor de sua preferência.

Diante da dificuldade em construir o robô, ela solicitou que a pesquisadora fizesse um para que pudesse ver, mas sua solicitação foi negada destacando-se que ela poderia criar do seu jeito, como quisesse. Foi possível perceber na criança certa insegurança em suas criações demonstrada por um nível de exigência que satisfaça o outro e não a si mesma.

A infância é caracterizada por uma fase imaginativa, em que qualquer objeto poder tornar-se outro sem necessariamente ser parecido com ele. Nesse caso, a aluna poderia ter juntado as peças de qualquer jeito e denominá-las de robô, mas talvez por seu histórico de dificuldade, ela acostumou-se a ver suas produções como “erradas” ou insatisfatórias. Por isso, a necessidade de que o outro lhe mostrasse como fazer.

Esse momento foi finalizado com três objetos: cama, cadeira e mesa. Solicitou-se que ela contasse a quantidade de peças que foram necessárias para criar seus objetos. Inicialmente ela realizou a contagem sem desmontar os objetos, dizendo que não seria necessário. Depois, a pesquisadora pediu que desmontasse para verificar se sua conta estava correta.

A criança contou separadamente os valores: cama (onze), cadeira (seis) e mesa (quatro). Ao perguntar-lhe quanto foi o valor total, ela contou todas as peças uma a uma e obtendo como resultado 24 peças. Solicitou-se a contagem novamente para verificar o resultado, dessa vez ela contou com mais cuidado e obteve como resultado: 22.

Em seguida pediu-se que dividisse as peças entre ela e a pesquisadora de forma que tivessem a mesma quantidade. Ela separou uma a uma, trocando algumas peças para que ficassem iguais no formato. Em sua separação, cada uma ficou com quantidades e peças em formato igual.

Para confirmar a igualdade, pediu-se que contasse para ver se os valores são realmente os mesmos. Inicialmente ela ficou com dez peças e a pesquisadora com doze. Perguntou-se quem estava com mais e ela respondeu indicando o maior valor. Pediu-se novamente que a criança igualasse as quantidades e contasse para verificar os valores. Ela separou outra vez as peças uma a uma e as contou obtendo como resultado onze para

cada.

Depois, para verificar a compreensão da criança em relação a esse processo, perguntou-se qual o valor de $11+11$. Nesse momento ela contou todas as peças, sem recordar-se da quantidade inicial, que era 22, respondendo como resultado 34. Observou-se que sua contagem foi aleatória sem a separação das peças já contadas. Para ajudá-la a pesquisadora lhe questionou se ela recordava da quantidade inicial das peças, antes de dividi-las.

Ela contou novamente e obteve como resultado 22 peças. Questionou-se quanto deu para cada pessoa quando ela dividiu esse valor, ela respondeu onze. Para confirmar sua compreensão, perguntou-se quanto daria $11+11$ e ela respondeu prontamente 22. Verificou-se nesse momento, que a criança começou a compreender a relação entre os processos.

Deu-se prosseguimento a outros questionamentos. Ressaltando-se o valor total, 22, pergunta-se à criança quanto ficaria se forem retiradas duas peças do conjunto. Ante seu silêncio, inseriu-se um boneco pequeno para ajudá-la na visualização. Reformulou-se a questão dizendo que dessas 22 peças, se duas forem dadas ao boneco quantas sobrariam.

Para responder, ela contou as peças e obteve como resultado dezenove. Solicitou-se que contasse novamente e ela obteve o resultado correto, vinte. Fez-se então o questionamento inverso, devolvendo as duas peças e perguntando-lhe o valor. Ela respondeu corretamente 22 peças, sem precisar contá-las.

Formulou-se outro problema, entregando dez peças ao boneco e perguntando-lhe quantas sobraram. A criança as contou e respondeu: doze. Juntou-se as peças e perguntou-se novamente a questão de forma invertida: quantas peças deveriam ser dadas ao boneco para que sobrassem doze. A criança respondeu dez, pediu-se que ela separasse esse valor e contasse o restante para conferir o resultado. Depois, indagou-se quantas peças seriam necessárias retirar do boneco para que ficassem quatorze. Ela respondeu que deveria retirar duas peças.

Em outro problema, solicitou-se que ela dividisse em quantidades iguais para ela, o boneco e a pesquisadora, ressaltando-se que poderia pegar mais peças na caixa que as continha. Ela dividiu da mesma forma, separando um a um e escolhendo peças de

formato igual. Terminada a divisão, solicitou-se que contasse com quanto cada um ficou. Obteve como resultado: oito para o boneco, oito para ela e seis para a pesquisadora. Nesse momento, ela retirou duas peças da caixa e acrescentou ao valor seis. Destaca-se que essa ação foi espontânea da criança, não havendo orientações para ajudá-la.

Indagou-se quantas peças deveriam ser retiradas para que cada um ficasse com cinco. A criança retirou cinco peças de cada um e sobrando três, nesse momento foi necessário auxiliá-la lembrando de que o procedimento era deixar com que ficassem com cinco. Ela compreendeu e respondeu que deveria ser retirado três peças.

Para finalizar, perguntou-se a ela o valor total se as peças fossem juntadas. Ela as contou e respondeu vinte. Pediu-se que contasse novamente e respondeu corretamente quinze. Aproveitou-se para perguntar-lhe quantas peças seriam necessárias acrescentar às quinze para que resultasse em vinte. Ela retirou uma a uma contando até chegar em vinte e respondeu que seria cinco peças.

Esse momento com a aluna possibilitou verificar que ela está em processo de formação dos conceitos matemáticos, para tanto é fundamental a utilização de materiais concretos que a ajudem na visualização e compreensão dos procedimentos. Além disso, assim como em outros momentos, foi possível perceber que com auxílio ela é capaz de realizar muitas atividades.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 4 (15/05/13)

-Objetivo: Avaliar o conhecimento matemático da aluna, auxiliando em sua compreensão dos conceitos.

-Procedimento e material utilizado

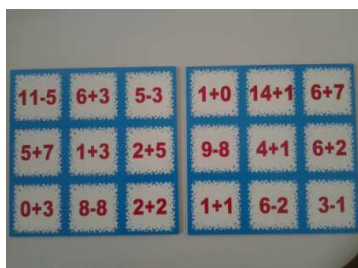


Figura 4 – Cartelas utilizadas pela criança



Figura 5 – Fichas para marcar as operações



Figura 6 – Materiais de contagem

Utilizou-se um jogo de bingo matemático em madeira e materiais de contagem (canudos, palitos de picolé e mini-pregadores – Figura 6). O jogo é composto por cartelas que contém contas de adição e subtração (Figura 4), ao sortear um número deve-se verificar se na cartela está a operação cujo resultado corresponda a ele (Figura 5).

Ao iniciar a sessão, os materiais são apresentados à aluna, explicando-lhe como jogar o bingo. Pediu-se que ela escolhesse uma cartela para começar o jogo e perguntou-se se ela conhecia as operações matemáticas. A criança afirmou serem contas de mais e de menos e a pesquisadora complementou ressaltando que eram de somar e subtrair.

-Resultados obtidos e discussão

O jogo iniciou-se com a criança sorteando um número: oito. Perguntou-se se em sua cartela havia alguma conta que o resultado desse esse valor. Ela respondeu afirmativamente e indicou o cálculo $8-8$, destacando que o resultado era dezesseis. Depois ela realizou a conta nos dedos e disse que o resultado era dezessete. Nesse primeiro momento foi possível perceber que ela não identificava os sinais corretamente, possuindo dificuldade no sinal de subtração.

Quando a pesquisadora ressaltou que o sinal era de menos, ela disse que oito menos oito era igual a sete. Nesse momento pediu-se que ela pegasse oito canudos para explicar-lhe de forma concreta esse cálculo. Depois, perguntou-se quantos canudos ela ficaria se desse oito para a pesquisadora. Ao realizar o procedimento ela percebeu que ficaria com nenhum. Para formalizar o conceito ressaltou-se que oito menos oito era igual

a zero.

Após a explicação solicitou-se que a criança olhasse novamente sua cartela e verificasse se havia alguma conta que desse como resultado o valor oito. Ela indicou a operação $6+3$ e contou em seus dedos obtendo como resultado nove. Procurou-se destacar que ela chegou perto do valor, para que não se sentisse desestimulada a prosseguir diante dos erros.

Outra conta indicada por ela é $5-3$, contando em seus dedos disse que o valor era oito. Pediu-se que observasse o sinal e ela disse que o valor era zero. A criança foi corrigida destacando-se que o sinal era de menos. Para ajudá-la em sua compreensão solicitou-se que ela pegasse os materiais concretos e realizasse a operação separando cinco canudos e depois, entregando três para a pesquisadora. Verificou-se que lhe sobram dois canudos.

Destaca-se que sempre após a realização da conta pela criança com o material concreto, procurou-se formalizar a operação falando novamente todos os valores e o resultado.

A pesquisadora observou que a cartela escolhida pela criança não tinha nenhuma operação cujo resultado fosse o valor sorteado, por isso sugeriu que procurasse em outra cartela. Pegou-se uma que tinha um cálculo que resultava em oito, oferecendo a ela a oportunidade de identificar essa operação. Nesse momento, ela indicou $6+7$. Contando nos dedos disse que o resultado era oito.

Pediu-se que ela conferisse o resultado utilizando o material concreto, pegando seis palitos e depois sete. Solicitou-se que a criança identificasse o sinal, ressaltando-se que ele representava soma e, portanto, deveria juntar as quantidades. Ela contou os palitos e obteve como resultado o valor treze. Observa-se que essa cartela foi escolhida por conter o cálculo $6+2$, que era o esperado para que ela identificasse.

Continuando, ela indicou outra operação, $4+1$, mas logo em seguida contou com os dedos e percebeu que o valor correto era cinco. Depois, mostrou a conta $6-2$ e pegou os objetos de contagem para conferir o resultado. Mais uma vez percebeu-se a confusão que a criança fez com os sinais, pois ela somava os valores.

A pesquisadora explicou-lhe novamente a diferença entre os sinais, ressaltando que o de (+) era para juntar os valores e o de (-) era para retirar. Em seguida realizou-se a

operação com o material concreto, obtendo como resultado quatro.

Diante da dificuldade da criança, a pesquisadora mudou a estratégia inicial do jogo. Pediu-se então que ela resolvesse as operações da cartela com o material concreto e pegasse o valor correspondente ao resultado nas placas de madeira para colocar em cima da operação.

Iniciou-se pela operação $1+0$, a criança afirmou ser igual a 10. Depois, disse que era igual a dezessete, observou-se que nesse momento ela inventou um valor para poder responder. Percebeu-se a dificuldade para ela entender que o zero representava um conjunto vazio. Resolveu-se a operação com os materiais concretos para ajudá-la em sua compreensão.

A próxima conta é $14+1$, ela pegou as quantidades em palitos e obteve como resultado quinze. Como não havia uma placa com esse valor, a criança queria colocar uma com o número um e outra com o número cinco, mas para que pudesse compreender em questão de quantidade sugeriu-se que colocasse uma com dez e outra com cinco. A criança contou com os palitos de picolé e verificou que $10+5=15$. Essa ação foi realizada espontaneamente por ela, sem que pesquisadora solicitasse.

Na operação $6+7$ ela separou os palitos, contou-os e obteve como resposta treze, depois contou de novo e obteve quatorze. Pediu-se que separasse novamente as quantidades. Nesse momento ela verificou que havia um palito a mais, retirou-o e contou outra vez obtendo como resposta treze.

Trocando os palitos por canudos, ela resolveu a conta $9-8$ obtendo como resultado um. As próximas operações da cartela ($4+1$, $6+2$, $1+1$, $6-2$ e $3-1$) foram resolvidas da mesma forma, sempre utilizando o material concreto. Durante as contas de subtração, a criança queria pegar as duas quantidades em canudos, mas era lembrada que o segundo valor era retirado do primeiro.

Essa sessão permitiu verificar a importância e a necessidade da utilização de materiais concretos para que os alunos compreendam os conceitos matemáticos, principalmente quando esses conceitos estão em processo de formação, como no caso de crianças do Ensino Fundamental I. Nota-se que, com a ajuda da pesquisadora, ela foi capaz de realizar os cálculos e os momentos que errava contribuíram para que ela revisse várias vezes os conceitos, exercitando seu entendimento.

Para finalizar a sessão, pediu-se que a criança fizesse um desenho sobre a escola, o que ela quisesse e o que mais gostava. Nesse momento ela conversou com a pesquisadora, contando que ficou na casa da irmã e ajudou a cuidar de sua sobrinha e a limpar a casa. Também relatou que a sobrinha estava internada e que ela já havia ficado internada e tomado soro muitas semanas, mas que isso aconteceu há muito tempo. Disse que gostava muito da escola, dos professores e dos colegas, que gostava de aprender e brincar. Com o término do horário não foi possível finalizar o desenho, que ficou para outra sessão.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 5 (22/05/13)

-Objetivo: Auxiliar a criança no desenvolvimento da leitura e da escrita.

-Procedimento e material utilizado



Figura 7 – Produção da aluna

Destaca-se que as sessões anteriores foram utilizadas como avaliações interventivas em relação aos conhecimentos da aluna em leitura e escrita e em matemática, já que nas observações que foram realizadas em diferentes contextos de sua vivência na escola não ocorreu o contato direto com ela. A partir dessa 5ª sessão iniciou-se as intervenções objetivando ajudá-la em sua aprendizagem e desenvolvimento, mas

acredita-se que nos procedimentos anteriores esses processos também aconteceram.

Para essa sessão utilizou-se folhas de papel A-4 com as seguintes categorias escritas com letra cursiva, coladas na vertical de cada folha: alimentos, roupas, esportes, material escolar, brinquedos, família, profissões, objetos de casa, animais e objetos da escola. Usando letras de madeira, formou-se palavras com a criança dentro de cada categoria para depois serem escritas em papeis coloridos e coladas na folha correspondente.

Ao começar a sessão apresentou-se a ela os materiais explicando-lhe os procedimentos.

-Resultados obtidos e discussão

No momento em que se mostrava os materiais à criança solicitou-lhe que lesse as categorias. Nesse instante foi possível perceber sua dificuldade para ler letra cursiva. Ela lia tentando identificar primeiro as sílabas para depois falar a palavra inteira. As palavras animais e roupas leu com ajuda da pesquisadora, já alimentos e família, apesar de ter lido devagar, conseguiu sozinha.

Antes de falar a palavra para ela, tentava-se ajudá-la pedindo que identificasse cada letra primeiro. Depois, leu-se todas as categorias para que ela pudesse escolher qual gostaria de começar. Diante de sua escolha da categoria esportes, a pesquisadora lhe perguntou qual esporte ela conhecia. Ela afirmou não conhecer nenhum, e não saber o que significava essa palavra. Explicou-se que representava uma atividade física como: futebol, vôlei, basquete, corrida e natação.

Em seguida, pediu-se que ela escolhesse um desses esportes e montasse a palavra com as letras em madeira. Ela escolheu natação, mas mudou para corrida montando como CORIAD. Enquanto pegava as letras, a criança falava em voz alta as sílabas. Nesse momento, a pesquisadora destacou que essa palavra possuía dois R. Mesmo com a dica, ela montou da forma demonstrada.

Durante todo o processo de montagem da criança solicitou-se que ela lesse a palavra para que conseguisse identificar o que faltava. Somente depois ela era ajudada pela pesquisadora a montar corretamente sempre procurando pronunciar a palavra

ênfatizando cada sílaba.

Depois da palavra corrigida pediu-se que ela observasse atentamente para escrevê-la sem olhar no papel colorido que seria colado na folha da categoria esportes. Ela escreveu com letra em caixa alta, solicitou-se que escrevesse com letra cursiva também e colasse na categoria.

Outro esporte que ela escolheu foi natação, para ajudá-la a distinguir NA de MA mostrou-se a diferença no movimento da boca e da língua. Primeiro ela montou sozinha a palavra NATAS, depois a pesquisadora lhe ajudou a montar corretamente, pronunciando cada sílaba. Terminada a montagem, ela olhou a palavra e escreveu no papel para colá-lo na categoria.

A próxima categoria escolhida foi alimentos. Para ajudá-la a eleger uma palavra perguntou-se o que ela gostava de comer. Ela respondeu arroz, feijão e carne e escolheu para montar: feijão. Sua montagem ficou FEGCO e foi ajudada a montar de forma certa. Em seguida escreveu a palavra para colá-la, observou-se que ela não sabia fazer o F e o J em letra cursiva.

O segundo alimento escolhido foi melancia, pois é a sobremesa que a criança gosta de comer. Ela montou MELESIA. Pediu-se que lesse a palavra para que percebesse o som e depois ela foi ajudada a montar corretamente. Ela escreveu MELACIA e foi lembrada que faltou uma letra, recordou-se dizendo que era o N. Escreveu a palavra correta e colou na categoria.

As outras categorias escolhidas foram animais e brinquedos. O procedimento foi o mesmo das anteriores, pedindo que a criança elegesse a palavra, montasse com as letras nos blocos de madeira e depois escrevesse e colasse na categoria. Para brinquedos ela escolheu as palavras boneca e Barbie, e para os animais, macaco e cachorro.

Na montagem da palavra boneca, a criança ia colocar o M no lugar do N. Nesse momento, a pesquisadora tentou ajudá-la a perceber a diferença ao pronunciar a palavra de forma pausada, ressaltando o som de cada sílaba. Com essa intervenção, montou corretamente. A outra palavra foi montada como BARBE. Ela é elogiada, ressaltando-se que faltou apenas uma letra e colocando o I em seu lugar.

Para a categoria animais, ela montou corretamente a palavra macaco. Já a palavra cachorro, ela montou como CAGO e foi ajudada pela pesquisadora a montar

corretamente, lembrando-lhe do som do CH que era igual a palavra chuva. Em seguida ela montou como CACHRO, mostrou-se as letras que faltavam O e R pedindo-lhe que as colocasse em seus lugares.

Ao final, pediu-se que ela lesse todas as palavras que escreveu. Algumas ela falou como se tivesse decorado e não porque estava lendo. Na hora de ler melancia, não conseguiu e precisou da ajuda da pesquisadora. Quando ela lia a primeira sílaba se recordava da palavra e falava, como se não lesse por completo. Encerrado o momento, parabenizou-se a criança por suas produções ressaltando-se o quanto ela era capaz de ler e escrever.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 6 (06/06/13)

-Objetivo: Auxiliar a criança no desenvolvimento da leitura e da escrita.

-Procedimento e material utilizado



Figura 8 – Cartela para marcação



Figura 9 – Letras sorteadas

PALAVRA	FRASE
FADA	A FADA VOA
FORMIGA	A FORMIGA TRABALHA
FACA	A FACA É PARA CORTAR
FAMÍLIA	A FAMÍLIA É O GRUPO DE PESSOAS QUE VIVEM JUNTAS
FADA	A FADA É UM SER Mágico
FADA	A FADA É UM SER Mágico
FADA	A FADA É UM SER Mágico
FADA	A FADA É UM SER Mágico
FADA	A FADA É UM SER Mágico
FADA	A FADA É UM SER Mágico
FADA	A FADA É UM SER Mágico

Figura 10 – Quadro de palavras e frases



Figura 11 – Desenho da escola

Para essa sessão utilizou-se um bingo de letras (Figuras 8 e 9) e uma folha de papel A4 com duas colunas, uma com o título PALAVRA e a outra FRASE, e sete linhas (Figura 10). Mostrou-se os materiais à aluna, explicando-lhe como seria a atividade. Ela deveria escolher uma cartela, sortear uma letra e procurá-la em sua cartela, depois deveria escrever uma palavra que começasse com essa letra e formar uma frase com a palavra.

Essa sessão estava prevista para o dia 29 de maio, mas devido à falta da aluna a escola, foi adiada para o dia 06 de junho.

-Resultados obtidos e discussão

Para iniciar a sessão, pediu-se que a criança lesse o que estava escrito na folha. Observou-se que por estar escrito em caixa alta ela conseguiu ler, apesar de ser de forma pausada. Logo depois sorteou a primeira letra (F) e encontrou em sua cartela marcando o local. Ao ser indagada se conhecia alguma palavra que começasse com essa letra, ela citou: foca, formiga, faca, família, fada. A pesquisadora ficou bastante surpresa com a quantidade de palavras que foram citadas por ela.

Para escrever na folha ela escolheu FADA e foi orientada a escrevê-la no local apropriado. Em seguida formou a frase: A FADA VOA. Ressalta-se que a frase é criada pela criança. No momento do registro ela foi ajudada pela orientadora para que pudesse ordenar corretamente as palavras e se sentisse confiante na escrita das próximas.

Essa atividade foi muito interessante, pois as letras que eram sorteadas estavam

dentro de um saco de pano e eram em madeira cortada em seu formato exato, enquanto a criança colocava a mão para sortear, só pelo tato ela já adivinhava a letra que seria. Foi uma boa surpresa ver que a criança demonstrava satisfação e alegria, adivinhando cada letra que era sorteada.

Em seguida sorteou a letra Y, encontrou em sua cartela marcando-a. Por ser difícil ter uma palavra na língua portuguesa que comece com essa letra, pediu-se que ela sortease outra. Próxima sorteada é G, pensando em alguma palavra ela citou janela e logo se corrigiu dizendo que era com J.

Para ajudá-la a lembrar-se de uma palavra, a pesquisadora comentou que existe um animal muito fofo e que seu nome começa com essa letra. Ela citou girafa e foi elogiada, mas ressaltou-se que era outro animal e que ela tem um em sua casa. Logo se recordou de seu gato. Perguntou-se qual preferia escrever, ela escolheu o gato e criou a frase: o gato arranha. A palavra arranha foi escrita por ela como ARA, a pesquisadora a ajudou a escrever corretamente.

Próxima letra sorteada foi o K, mas antes de vê-lo ela disse que era o X. Considerou-se natural esse engano, pois o formato das letras é parecido. Como não tem K em sua cartela, propôs-se que pegasse outra letra. Retirou-se o B, que foi acertado pela criança antes de vê-lo. Ela escolheu a palavra boneca, escrevendo-a de forma certa.

A frase criada por ela ficou sem sentido: a boneca, ela brinca. Sugeriu-se que escrevesse: eu brinco com a boneca. Ao escrever a frase, ela fez da seguinte forma: EU BERI CO DE BONECA. Pediu-se que ela lesse sua frase para que percebesse o erro e depois a pesquisadora lhe ajudou a escrever corretamente.

Terminada a frase, ela retirou a letra R e acertou antes de retirar do saco. Ela identificou que não tinha essa letra em sua cartela e escolheu a palavra RATO para completar seu quadro, escrevendo-a perfeitamente. Sua frase foi: o rato come queijo. Ela escreveu COMI, mas logo foi orientada de que a utilização correta era E. Para escrever a palavra queijo ela recebeu ajuda.

Outra letra sorteada foi P, encontrou em sua cartela e marcou. Ela comentou que P começava com pato, a pesquisadora repetiu sua frase de forma invertida sem dizer que ela falou errado, mas mostrando-lhe a forma certa. Em seguida, ela escreveu a palavra corretamente e formou a frase: O PATO MADA. Solicitou-se que apenas colocasse a

letra N no lugar do M.

Ao sortear a próxima letra, ela retirou Ç e dizendo seu nome corretamente. Sorteou novamente e retirou o V, encontrando-o em sua cartela. Depois, citou como palavra ÁRVORE, mas foi lembrada que a letra deveria estar no início. Ela então criou a frase: Vitória brinca. Nesse momento, procurou a palavra BRINCO que havia escrito anteriormente, para que pudesse copiá-la. Observou-se que ela não a encontrou rapidamente, deixando a impressão que não tem facilidade para entender sua letra ou sua insegurança para ler alguma palavra impede sua compreensão.

Ela começou a escrever a frase e complementou com: brinca de boneca. Foi ajudada a escrever a palavra BRINCA. Procurou-se mostrar-lhe a palavra escrita anteriormente ressaltando-se cada letra.

A última letra sorteada foi W, antes de vê-la ela afirmou que era o N. Encontrou o W em sua cartela marcando-o. Depois retirou o T e acertou em seu palpite, encontrando-o também na cartela. Escreveu a palavra tomate e formou a frase: EU GOSTO DE TOMATE. Ela pediu ajuda para escrever GOSTO.

Finalizada a tarefa, mostrou-se à criança sua produção elogiando-a e ressaltando a quantidade de palavras e frases que ela criou. Foi possível notar seu sentimento de satisfação, pois mesmo após o término ela quis continuar formando palavras com as letras de madeira. A pesquisadora permitiu esse momento para ela brincar livremente com as letras. Ela aproveitou para formar seu nome completo, solicitando ajuda em alguns momentos que estava com dúvida.

Ao término da sessão pediu-se que ela fizesse um desenho de sua sala de aula. Ela relatou não saber, então se ofereceu a opção de desenhar a escola, o que ela mais gostava ou não. Enquanto desenhava, ela explicava o que estava fazendo, desenhou três pessoas: sua melhor amiga, a pesquisadora e a diretora (Figura 11). Aproveitou-se esse momento para conversar informalmente com a criança perguntando-lhe o que gostava de fazer na escola, com quem gostava e com quem não gostava de brincar.

Essa atividade foi muito boa para a criança, pois possibilitou seu contato com novas palavras, a criação de frases (organizando as palavras de forma que fizessem sentido) e lidar com o material concreto: ao tatear o formato das letras. Além disso, o fato de acertar qual letra era antes de vê-la foi um fator que a motivou, trazendo o sentimento

de confiança e alegria em acertar. Foi possível verificar avanços em sua aprendizagem, pois ela estava mais confiante e participativa.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 7 (10/06/13)

-Objetivo: Auxiliar a aluna na compreensão e desenvolvimento dos conhecimentos matemáticos em adição e subtração.

-Procedimento e material utilizado

Figura 12 – Tabela para marcação



Figura 13 – Materiais utilizados

Para essa sessão desenvolveu-se um jogo utilizando-se os seguintes materiais: dois dados convencionais, um dado composto por faces com os sinais de adição (+) e subtração (-), figuras de cobra em desenho, objetos de contagem e duas folhas A4 com tabelas compostas por números de 1 a 12 e a última coluna intitulada CÁLCULO.

A criança sorteou dois números jogando os dados duas vezes, marcou em sua tabela com um X esses números. Depois, jogou o dado de sinais e o sinal que caiu identificou a conta a ser realizada. Escreveu-se a operação no campo destinado (cálculo) e resolveu-se para descobrir sua solução. Se o resultado fosse sete, ganharia uma imagem de cobra. O ganhador será quem preencher sua tabela primeiro e tiver a menor quantidade de cobras.

Esse jogo foi criado pela pesquisadora. Apenas a ideia da cobra foi retirada de um blog de psicopedagogia.

-Resultados obtidos e discussão

Explicou-se o jogo para a criança mostrando-lhe os materiais. A pesquisadora iniciou a jogada para poder explicar cada passo. Ao jogar o dado, saiu o número quatro duas vezes e marcou-se com o X na tabela na coluna correspondente ao número. Em seguida, jogou-se o dado de sinais caindo o sinal de (+). Escreveu-se a operação no campo destinado, $4+4$ e calculou-se seu resultado. Imediatamente a criança afirmou que $4+4=8$, sem realizar a contagem com os materiais concretos.

A próxima a jogar foi a criança, ela realizou os mesmos passos orientados pela pesquisadora. As seguintes operações foram sorteadas por ela: $8-6$, $6-5$, $6+9$, $6+6$, $6+10$, $9-6$, $10-7$ e $10-5$. E pela pesquisadora: $4+4$, $5+7$, $5-5$, $8-7$, $12-3$, $8-5$, $12-7$, $9-4$ e $7+9$.

Destaca-se que todos os cálculos foram realizados pela criança, pois o objetivo principal era sua aprendizagem, mas sempre com o auxílio e ajuda da pesquisadora. Na primeira operação que era de subtração, ela realizou a soma. Pegou-se os materiais concretos para explicar-lhe que nessa conta retirava-se o valor.

Além das operações com os valores sorteados, a criança efetuava a soma dos valores do dado, pois era preciso jogar os dois dados ao mesmo tempo. Esse processo era realizado por ela de forma bastante natural, envolvida pela situação lúdica do jogo. Outro aspecto importante a ser destacado foi a rapidez que ela somava os valores, pois as bolinhas do dado, diferentemente do símbolo representado pelo número, possibilitavam a visualização do todo.

Nessa atividade a criança continuou apresentando dificuldade na compreensão dos conceitos do conteúdo de subtração, mas a pesquisadora procurou usar uma linguagem que a ajudasse a entender, referindo-se ao procedimento de retirada como “emprestar”. Por exemplo, na operação $8-7$, pediu-se que ela pegasse oito palitos e emprestasse sete. O que lhe sobrasse era o resultado.

A utilização do jogo promoveu um espaço de descontração: a criança demonstrou prazer na atividade realizando as operações com segurança e tranquilidade. Além disso,

ela respondia facilmente com a utilização dos materiais concretos e ajuda da pesquisadora. Destaca-se que o procedimento de ajuda era apenas uma forma de fazê-la chegar por si só ao resultado, nunca dando-lhe respostas prontas.

Na operação $6+9$, utilizando-se do material concreto chegou-se ao resultado quatorze. Solicitou-se que a criança separasse novamente os seis palitos e depois nove, verificou-se que havia apenas oito. Ela acrescentou mais um e dizendo que o resultado era quinze, sem precisar contar novamente todos os palitos juntos. Verificou-se o avanço em seu raciocínio, pois em sessão anterior sobre o conhecimento matemático ela contava tudo de novo, mesmo quando era preciso acrescentar apenas uma quantidade.

Como nenhum resultado foi sete, ninguém ganhou cobra, mas foi um recurso interessante que gerou expectativa durante o jogo. Ao final, não se enfatizou o ganhar, mas o aprendizado e a diversão. Foi possível perceber os progressos da criança ao longo da atividade, realizando os cálculos matemáticos com mais facilidade e identificando a relação existente entre as contas de soma e subtração.

- Sessão de intervenção psicopedagógica 8 (13/06/13)

-Objetivo: Auxiliar a aluna na compreensão e desenvolvimento dos conhecimentos matemáticos em adição e subtração.

-Procedimento e material utilizado



Figura 14 – Potes numerados



Figura 15 – Operações nos potes



Figura 16 – Materiais utilizados



Figura 17 – Resultado das operações

Os materiais utilizados foram: doze copos de iogurte numerados (Figura 14) e contendo operações de soma e subtração dentro de cada um (Figura 15), um dado, massa de modelar e material de contagem (Figura 16).

Ao sortear o dado, a criança verificou a numeração correspondente ao copo e realizou a operação estava em seu interior utilizando o material de contagem. Após descobrir o resultado, confeccionou a respectiva quantidade de bolas pequenas com a massa de modelar e colocando-as dentro do copo (Figura 17).

-Resultados obtidos e discussão

O mesmo procedimento das sessões anteriores foi realizado, apresentando-se o material à criança e explicando-se como seria a atividade. O primeiro número sorteado foi cinco, ela pegou o copo correspondente falando a operação dentro dele como: 16 e 14. O sinal era de subtração e a pesquisadora lhe disse que era dezesseis menos quatorze, dando-lhe os canudos para realizar a conta.

Ela separou dezesseis canudos e emprestou quatorze à pesquisadora, sobrando-lhe dois. Formalizou-se o conceito verbalmente, $16-14=2$ e a criança fez duas bolas de massa de modelar para colocar dentro do copo número cinco. Em seguida realizou os mesmos passos até preencher quase todos os copos com seus resultados.

As operações foram sorteadas nessa ordem: 5 (16-14), 6 (19-13), 3 (13+17), 4 (11+11), 9 (11+14), 8 (9+17), 10 (12+14). Deixou-se de resolver as operações dos copos com as numerações 1, 2, 7, 11 e 12.

Nesse dia, a sala de leitura que foi utilizada para a realização de todas as sessões com a criança estava ocupada e por isso utilizou-se a sala de recursos em conjunto com a professora que atendia um aluno. Percebeu-se que o barulho do outro atendimento desconcentrava a criança em sua contagem, fato este, que foi reclamado por ela própria.

Observou-se que devido ao barulho ela teve que refazer os cálculos várias vezes, porém não se considerou a sessão perdida, pois possibilitou o aprendizado e manipulação de materiais. Ao término, deixou-se que a aluna brincasse livremente com a massa de modelar.

V/ Discussão geral dos resultados da intervenção psicopedagógica

Ao longo do trabalho foi possível identificar avanços consideráveis no posicionamento da criança atendida, não apenas em sua aprendizagem, mas também pela superação da forma passiva como agia. Inicialmente, ela foi identificada pela professora e pela diretora como uma aluna que não aprendia e que apenas o diagnóstico de algum transtorno poderia explicar sua inadequação em relação ao aprendizado.

Após observar a aluna em diferentes ambientes e projetos da escola, verificou-se sua postura de ansiedade, dependência e ineficiência ante aos conteúdos que lhe eram apresentados. Ao mesmo tempo, foram sendo identificadas posturas que reforçavam essas características, principalmente na professora que, em sua preocupação em querer ajudar, acabava fazendo as coisas pela criança.

Durante os atendimentos procurou-se promover um espaço de resgate do sujeito, de forma que a criança tivesse a oportunidade de posicionar-se ativamente, não obtendo respostas prontas, mas refletindo e criando possibilidades. Além disso, o erro foi abordado de forma mais amena, verificando que ele representava anteriormente um fator de desestímulo, desistência, reforçando sua incapacidade.

As sessões permitiram visualizar um desenvolvimento típico infantil, em uma criança que estava em processo de desenvolvimento e aprendizagem. Diante de seu histórico relacionado à desestrutura familiar e às constantes faltas, é absolutamente identificável que seu problema foi gerado por perda de conteúdos. Ademais, a professora relatou em conversas informais que a aluna não recebia o apoio devido da família, fato este constatado por ela nunca ter realizado as tarefas que eram passadas para casa.

Os atendimentos individuais foram propulsores da zona de desenvolvimento proximal, pois, com o auxílio da pesquisadora, bem como dos recursos materiais concretos, a criança realizou diversas atividades que sozinha não conseguiria. Em cada sessão verificou-se avanços em sua postura (mais confiante, atenta e motivada a participar), bem como em sua aprendizagem, percebendo e corrigindo suas falhas sem a necessidade que fossem apontadas pela pesquisadora.

Acredita-se que o prosseguimento dos atendimentos seria muito importante, mas verifica-se que a escola também contribuiu para os avanços da aluna ao ser acompanhada na sala de recursos e em outros projetos da escola.

Durante as sessões a professora relatou que a criança havia melhorado em sala, estando mais concentrada e copiando as atividades passadas no quadro. Esse relato corrobora os apontamentos aqui realizados, ressaltando-se que não apenas as sessões psicopedagógicas, mas o trabalho realizado pela escola e a postura da criança motivada em aprender contribuíram para que tal fato fosse constatado.

As orientações julgadas necessárias a serem realizadas seriam:

- Promover uma parceria entre a escola e a família, de forma que esta recebesse orientações sobre o aprendizado da criança, procurando ajudá-la e estimulá-la em seu estudo. Além disso, ajudar a família para que compreenda a importância da presença da criança na escola e que as faltas constantes a impedem de dar continuidade ao seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.
- Propor à professora a adaptação dos conteúdos trabalhados em sala, oferecendo à aluna materiais com letra em caixa alta. Como a criança está em processo de alfabetização, é importante realizar essa adaptação dos conteúdos, ao contrário da apostila montada pela professora com exercícios de alfabetização, já que estes são trabalhados na sala de recursos. Ademais, utilizar-se de materiais concretos como um auxílio ao desenvolvimento do pensamento abstrato. Além disso, trabalhar com o lúdico (jogos e brincadeiras) no ensino dos conteúdos em sala de aula, objetivando motivar a criança.
- E, por fim, sugerir-se à professora da sala de recursos trabalhar com atividades em letra cursiva incentivando a aluna em sua utilização, pois é a letra utilizada em sala de aula.

Considera-se que a instituição escolar, em meio às suas limitações, esforçou-se para ajudar a aluna, não se acomodando frente às suas dificuldades, mas promovendo sua inserção em espaços e momentos com objetivos específicos, visando o alcance de seu sucesso escolar.

VI/ Consideração finais

Objetivou-se com este trabalho desenvolver uma prática psicopedagógica que contemplasse uma criança em situação de dificuldade de aprendizagem, de maneira que fosse possível identificar os fatores que teriam gerado tal dificuldade. Além disso, promover um espaço de reflexão de forma que o sujeito pudesse se posicionar ativamente em sua aprendizagem, superando suas debilidades nesse processo.

Foi ressaltado em todo o período do curso que o aluno é um indivíduo ativo em seu processo de aprendizagem e, como tal, deve ser considerado em suas especificidades, propondo-se atividades adequadas aos seus interesses e motivações. Esse fato contribuiu para que este estudo procurasse desenvolver essas características durante a intervenção psicopedagógica. Verificou-se ser de fundamental importância considerar esses aspectos, caso contrário não seria possível atender ao aluno em suas necessidades.

Considera-se que esse estágio, bem como a realização do trabalho final, foram basilares para a formação psicopedagógica da pesquisadora. Apesar de considerar o tempo limitado para tamanha complexidade (ajudar um educando em sua dificuldade de aprendizagem), foi possível ampliar as reflexões teórico-práticas em relação à área. Nessa medida, verificou-se a importância do profissional psicopedagogo como um especialista nas questões relacionadas à aprendizagem, desenvolvendo seu trabalho em parceria com a instituição educacional.

VII/ Referências Bibliográficas

Barbato, S. (2004). Cultura, desenvolvimento humano e aprendizagem. In: L. H. C. Z. Pulino & S. Barbato (Orgs.), *Fundamentos de Desenvolvimento e Aprendizagem* (Vol. 2). Brasília: Universidade de Brasília, Centro de Educação a Distância.

Bossa, N. A. (2011). *A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática* (4ª ed.). Rio de Janeiro: Wak Editora.

Consenza, R. M. & Guerra, L. B. (2011). *Neurociência e educação: como o cérebro aprende*. Porto Alegre: Artmed.

González Rey, F. L. (2008). Estratégias pedagógicas: conceituação e desdobramentos com foco nas relações professor-aluno. In: M. C. V. R. Tacca (Org.), *Aprendizagem e trabalho pedagógico* (2a ed., pp. 45-68). São Paulo: Alínea.

Jardim, W. R. de S. (2001). *Dificuldades de aprendizagem no ensino fundamental: manual de identificação e intervenção*. São Paulo: Edições Loyola.

Porto, O. (2011). *Bases da psicopedagogia: diagnóstico e intervenção nos problemas de aprendizagem* (5a ed.). Rio de Janeiro: Wak Editora.

Sampaio, S. (2011). *Dificuldades de aprendizagem: a psicopedagogia na relação sujeito, família e escola* (3a ed.). Rio de Janeiro: Wak Editora.

Scoz, B. J. L. & Porcacchia, S. S. (2009). A subjetividade na Psicopedagogia: algumas reflexões [Versão eletrônica]. *Construção Psicopedagógica*, 17(14), pp. 60-74. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542009000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 1415-6954. Acessado em 23/06/2013.

Silva, M. C. A. (2010). *Psicopedagogia: a busca de uma fundamentação teórica* (2a ed.). São Paulo: Paz e Terra.

Tacca, M. C. V. R. (2004). Além de professor e de aluno: a alteridade nos processos de aprendizagem e desenvolvimento. In: L. M. Simão, & A. M. Martínez. (Orgs.). *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia* (pp. 101-130). São Paulo: Pioneira Thomson Learning.

Vigotski, L. S. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (6a ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Weiss, M. L. L. (2012). *Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar* (14a ed.). Rio de Janeiro: Lamparina.

ANEXOS

Anexo 1 – Carta de Apresentação

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Psicologia
Coordenação de Pós-graduação Lato Sensu
X Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional 2012/2013



Prezada Diretora,

Eu, Dra. **Lúcia Helena Pulino**, professora do X Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade de Brasília, venho apresentar-lhe a aluna: **Talyta Moreira de Souza Bezerra Marcello**, sob minha orientação na realização de seu Trabalho Final.

A aluna Talyta Moreira de Souza Bezerra Marcello está realizando uma pesquisa relacionada ao estudo da subjetividade do aluno com dificuldade de aprendizagem. O trabalho implica em análise do Projeto Político Pedagógico, observação do cotidiano da sala de aula, entrevista com a professora regente e intervenção com um aluno, visando verificar os elementos que revelam a expressão da subjetividade do aluno em sua aprendizagem. Será garantido o total sigilo das informações coletadas.

Esperamos contar com o apoio da senhora para favorecer à aluna o acesso aos possíveis participantes da pesquisa.

Desde já agradeço sua compreensão e colaboração.

Atenciosamente,

Professora Dra. Lúcia Helena Pulino
Instituto de Psicologia

Nota: Para maiores esclarecimentos entre em contato conosco, seja por telefone ou por e-mail.

Aluna Talyta:
telefones (61) 3797-6963/8413-3339
E-mail: souza.marcello@yahoo.com.br

Professora Dra. Lúcia
E-mail: luciahelena.pulino@gmail.com

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Sou aluna do X Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade de Brasília, estou realizando uma pesquisa sobre a subjetividade no processo de aprendizagem, orientada pela Professora Dr^a. Lúcia Helena Pulino para realização do meu Trabalho Final.

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa que tem como finalidade verificar os elementos que revelam a expressão da subjetividade em alunos com dificuldade de aprendizagem. Caso decida participar, leia cuidadosamente este termo e esclareça eventuais dúvidas. Os participantes da pesquisa serão um aluno e a professora do 3º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental. A autorização será documentada através deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado pela professora regente, pela pesquisadora e orientadora. A professora regente e a pesquisadora terão uma via assinada deste Termo de Consentimento.

Serão necessárias observações em sala, análise documental e dois momentos de entrevista com a professora regente. Ressaltamos que as informações obtidas serão confidenciais, preservando o sigilo do nome dos participantes.

Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento.

Caso tenha alguma dúvida sobre sua participação na pesquisa, você poderá entrar em contato conosco através do endereço eletrônico souza.marcello@yahoo.com.br ou pelo telefone (61) 8413-3339.

Foi-me dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas sobre este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e declaro que sou voluntário(a) a tomar parte neste estudo.

_____ Data: _____
Assinatura da professora regente

_____ Data: _____
Assinatura da pesquisadora

_____ Data: _____
Assinatura da orientadora

Anexo 3 – Roteiro de entrevista

Entrevista semi-estruturada com a professora.

Eixos norteadores entrevista 1

Histórico de Vida	1. Fale sobre sua história de vida, destacando o aspectos que levaram-na a se tornar professora?
Escola e processos de aprendizagem	2. Em sua opinião, qual é o papel da escola? 3. Quais as características que uma escola ideal deveria ter? 4. Fale brevemente sobre sua concepção de ensino e aprendizagem?
Concepção de aluno	5. Para você, como a criança aprende? 6. Para você, quais os tipos de alunos que existem? 7. Dentre esses tipos, qual seria o aluno ideal?
Papel do professor	8. Para você, quais os tipos de professor que existem? 9. Em sua opinião, qual é o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem?
Relação entre o professor e o aluno	10. Para você, qual seria a relação ideal entre o professor e o aluno?
Informações sobre a aluna pesquisada	11. Quais elementos você julga importantes para serem informados sobre a aluna com quem irei trabalhar?